



ALEXA RILEY

BEAUTY

AND THE

BIKER



THE GHOST RIDERS CLUB





Disponibilizado: Juuh Alves

Tradução: Fátima

Pré-Revisão: Thais B.

Revisão Inicial: Thais B.

Revisão Final: Lari, Tati

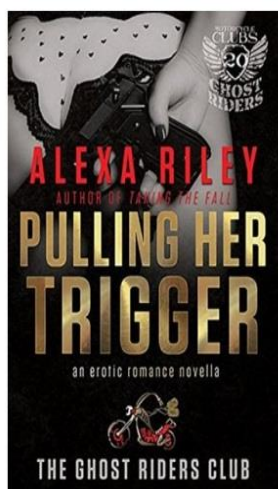
Leitura Final: Tati

Formatação: Juuh Allves

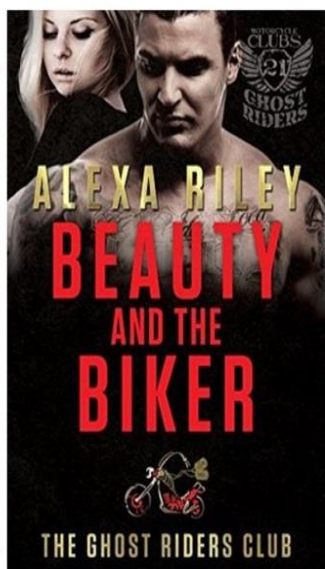
Informações sobre a série



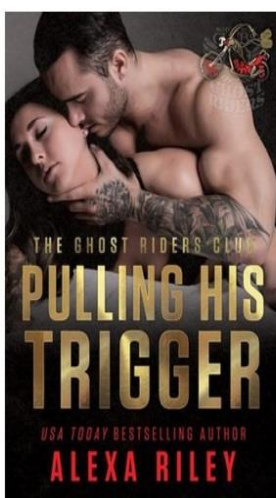
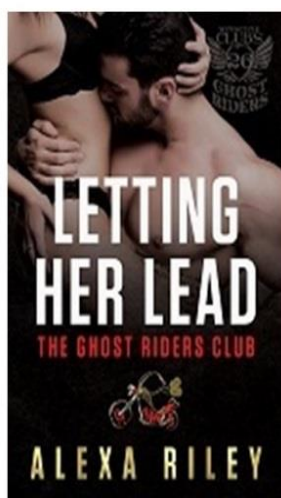
Série Ghost Riders MC by Alexa Riley



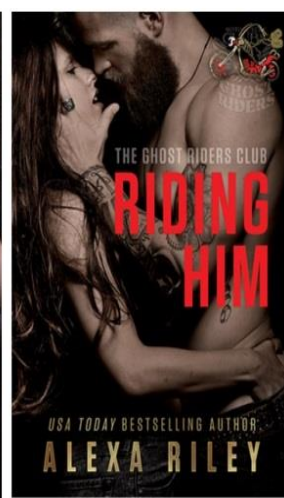
Lançado



Lançamento



Próximos



*Beauty and the Biker (The Ghost Riders
Mc) by Alexa Riley*

Sinopse

Eu tinha quatro semanas de sol, diversão e noitadas antes de ser enviado para fora novamente.

Ela não fazia parte do plano.

Tivemos um mês perfeito antes que eu tivesse que sair. Nenhum de nós esperava o que aconteceu.

A explosão deixou-me cheio de cicatrizes, por dentro e por fora. Como poderia ser bom o suficiente para uma beleza como ela? Ela merecia coisa melhor.

Agora tenho os Ghost Riders Motorcycle Club, e não preciso de mais nada. Se não posso tê-la, nunca vou ter outra. Um homem pode viver sem o seu coração... Certo?

Abraham tentou deixar sua Julie fugir. Quando não pode mais aguentar, só resta uma coisa. Fazê-la sua.

Aviso: Se gosta de um herói cheio de cicatrizes, obcecado e possessivo, Savage foi feito para você.

Capítulo Um

ABE

Junho de 2011

— Eu prefiro que me foda a bunda com um taco que ir lá. —
Lucias sorri para mim, e reviro meus olhos antes de sair do caminhão. Estamos indo ao supermercado para pegar merda de última hora e realmente não quero ir lá também.

— Vai desejar este lugar quando estivermos no exterior no próximo mês. Acalme-se. — Digo, parando o carro.

— Você pode estar certo, mas tudo o que quero antes de implantar é buceta e cerveja.

— Por que mais acha que estamos aqui, idiota? Cerveja.

Ele pega um carrinho na entrada e começa a caminhar na direção da cerveja. Sigo atrás dele antes de ter uma ideia.

— Ei, estou indo para a seção de brinquedos. Vou encontrá-lo logo. —Digo por cima do ombro, indo na direção oposta.

Lucias me dá um olhar, mas apenas balança a cabeça enquanto sigo. Scribe está dando uma festa na piscina, e precisamos de pistolas de água. Quem não gosta de uma competição de camisa molhada? Tenho certeza que algumas procuram um bom tempo tanto quanto nós, e sempre há bundas doces atrás de Lucias já que seu pai é o presidente dos Ghost Riders. Elas esperam que estando em torno sejam sua old lady quando ele assumir. Temos estado festejando durante a licença, e só temos quatro curtas semanas antes de voltar.

Nossa unidade é pequena e naturalmente somos unidos. Gastamos todo o nosso tempo lado a lado no exterior, apenas para chegar em casa e fazer a mesma coisa. Lucias e eu estamos juntos desde que usávamos fraldas, por isso não é novo estarmos juntos.

No caminho para o corredor eu paro. No outro extremo está uma menina, pulando para cima e para baixo tentando alcançar uma toalha. Bem, não é uma menina, é uma mulher. Eu continuo olhando porque o corpo pertence a uma adulta, e não alguém com menos de um e sessenta. Fico lá com a boca aberta, e vejo como ela continua a saltar para cima e para baixo, com os braços para no ar.

Os grandes seios saltam e não posso fazer nada, além de agradecer a Deus por ter feito a prateleira tão alta. Sinto a baba começando a rolar pelo meu queixo. Ela é pequena, mas porra tem curvas, o cabelo loiro claro encaracolado e uma bunda linda. Sinto meu pau crescendo nas calças, e me ajusto antes de fazer uma cena. Assim quando estou agarrando minha virilha, ela se vira e me olha como se me sentisse.

Eu deveria estar envergonhado, mas estou tão impressionado com seu rosto que apenas congelo. Tenho uma mão no meu pau, a boca aberta, e estou no céu. Deus. Ela é foddidamente perfeita. Como um pequeno anjo.

Seu rosto fica vermelho, o que me faz sorrir. Termino de ajustar meu pau e levanto o queixo arrogante para que saiba que não tenho vergonha sobre o que ela fez comigo. Essa ereção pertence a ela.

Ela limpa a garganta e coloca as mãos nos quadris.

— Um pouco de ajuda aqui? — Ela diz, e aponta as toalhas na prateleira de cima. Amo a raiva em sua voz.

— Acho que posso lidar com isso.

Vou até onde ela está de pé, ficando um pouco perto demais, o cheiro de torta de morango enche meus pulmões. Ela cora

novamente e olha para qualquer lugar, menos para mim. Ela teria que inclinar a cabeça para me ver. Eu sou muito alto por isso quase todo mundo tem que olhar para cima, mas ela é tão pequena, que sou facilmente trinta centímetros maior que ela. É quase cômica a diferença de altura entre nós, mas não importa quando está na horizontal.

Depois de um segundo, ela olha de volta para as toalhas, e, em seguida, para mim.

— Você pode, por favor, me dar duas azuis? — Ela pergunta, quase num sussurro. A raiva sumiu de sua voz, e não sei se é porque ela está intimidada por mim tão perto, mas eu quero isso de volta. Não a quero com medo. Na verdade, é a última coisa que eu quero dela.

— O que ganho em troca? — Eu provoco, tentando adicionar leveza a minha voz.

Ela agarra a cabeça, e eu posso ver a atitude chegando. Boa. Gosto de ver essa pequena coisa perder a calma.

— Você bateu a cabeça quando caiu do berço? Ou pega as toalhas, ou sai da frente. Tenho coisas melhores a fazer do que entreter um gigante. — Diz ela, e incisivamente olha para a minha virilha. Isto só faz meu pau endurecer mais agora que tem sua

atenção. Ele tem todos os tipos de coisas em mente para ela. Ela é tão pequena que poderia transar com ela por todo o maldito lugar e nem mesmo suar.

— Você tem a parte dianteira gigante entretida, baixinha. — A provoco.

Dou-lhe outro sorriso arrogante e ela revira os olhos. Deus, ela é linda, e amo a sua atitude. Me inclino e antes que ela possa protestar agarro seus quadris e a levanto para que ela possa alcançar as toalhas.

— Coloque-me no chão! — Ela grita, e começa a tentar se libertar. Tudo que faz é esfregar sua bunda no meu rosto, e sorrio contra ela.

— Posso fazer isso o dia todo, baixinha. Não tenha pressa.

Ouçoa dar um pequeno grunhido, e a sinto pegar as toalhas.

— Deixa comigo. Agora me desça.

Seguro seu corpo contra o meu e, lentamente, a deslizo para baixo, sentindo a curva de seu traseiro ao longo de toda a frente do meu corpo. Isso é provavelmente assédio, mas hei, quando a oportunidade bate... Ela é muito linda, e não tenho muito tempo

antes de sair em missão. Tenho que fazer o máximo e saborear cada segundo.

Uma vez que seus pés tocam o chão, ela vira e coloca seu minúsculo dedo na minha cara.

— Eu não falo a língua dos selvagens, então vou devagar. Você precisa aprender boas maneiras antes dos moradores te perseguirem com tochas. Você não deve sair agarrando as pessoas, não importa o quão sexy você seja.

— Acha que sou sexy? — Por alguma razão quero bater no peito com a emoção dela pensar que sou quente.

— Acho que você é... Você é... — Ela olha em volta, tentando encontrar a palavra certa antes de respirar fundo e olhar para mim novamente. — Basta manter as mãos para si mesmo.

— Qual é seu nome, baixinha?

— Tenho a certeza da porra que não é esse. — Ele responde, colocando uma de suas mãos no quadril, puxando meus olhos para lá. Porra, suas curvas encheriam minhas grandes mãos. Dando-me algo para agarrar quando a tiver no meu colo.

— Você tem uma boca suja para alguém tão linda. — Digo, e dou meu melhor sorriso. — Sou Abe.

Estendo a mão para ela. Ela a olha, e então revira os olhos quando a sustento. Após uma longa pausa, ela estende sua mão e nossas palmas se tocam.

Algumas pessoas falam sobre sentir um choque quando toca alguém você está destinado a se apaixonar. Bem, não senti um choque, senti uma mudança. Como assistir um pôr do sol e sentir calma em seu coração. Foi o que aconteceu quando segurei sua mão. Meus dedos em torno dela e a senti junto comigo. Foi à sensação mais estranha da minha vida, e fiquei ali, silenciosamente mudando, sabendo que a mudança era permanente. Até ela falar.

— Sou Julie. Obrigado pela ajuda, Abe. Se me der licença. — Ela diz e solta minha mão.

Será que ela não sente isso? A terra simplesmente ficou parada e ela tem outro lugar para estar. Que porra é essa?

— Ei, ei, ei. Pode parar pequena. — Digo andando atrás dela.

— Perseguição é crime, garotão. Já agradei pela ajuda. Tenho lugares para estar. — Diz ela sobre o ombro, o cabelo loiro saltando enquanto ela foge.

Ela caminha em direção à saída e estou a segundos de fazer uma cena para impedi-la.

— Nós vamos sair. — Digo alto demais.

Ela pára abruptamente, e quase bato em suas costas, antes que ela se vire.

— Será que mandar nas mulheres como se fosse um cão geralmente funciona para você?

— Não, mas mostrar meu pau resolve. — Digo com uma risada, mas vendo seus olhos ela não parece achar a piada engraçada. Ela provavelmente está certa. Estar no deserto com dez homens todo dia pode dar algumas ideias erradas. Talvez uma piada de pau não fosse a melhor ideia.

— Força Aérea?

— Marinha.

— Devia ter adivinhado. Vocês soldados não têm respeito fora dos uniformes.

Ela se vira de novo e continua indo para a saída. Não posso deixá-la ir.

— Por favor. — Digo, ficando na frente e bloqueando seu caminho. Ela enfia as toalhas debaixo de um braço, e coloca a outra

mão no quadril, deixando-me saber que estou em seu caminho e ela não está feliz com isso.

— Não, obrigada. — Desta vez, seu tom é mais doce que antes, como se estivesse me dispensando educadamente. Ela tenta passar por mim novamente, mas continuo bloqueando seu caminho.

— Cara, não pode ver? Não estou interessada.

Percebo que é hora de artilharia pesada, não me importo se fizer papel de tolo ou se Lucias ver e nunca me deixar esquecer. Vou me chutar se nunca a ver novamente. Caio de joelhos, seguro sua mão e olho em seus olhos.

Ela olha ao redor da loja para ver se alguém está assistindo, e algumas pessoas estão olhando. Mas não me importo. Não vou deixá-la fugir.

— Casa comigo.

Seus olhos ficam enormes, e então ela começa a rir. Juro que é o som mais belo que já ouvi.

— Você é louco.

— Vamos, Julie baixinha. Você é a coisa mais fofa que já vi na minha vida, e tenho quatro semanas ante de sair. Casa comigo.

Ela balança a cabeça, em seguida, me dá o sorriso mais doce e se inclina para perto de meu rosto. Com estou de joelhos, ficamos olho no olho.

— Você é louco e sexy. Mas minha resposta continua sendo não.

— Tudo bem então. Se não vai casar comigo, pelo menos, vamos a um encontro. Na verdade, venha a uma festa na piscina comigo hoje. — Digo, e a olho mais esperançoso. Só preciso levá-la a concordar em me ver de novo, e vou preocupar o casamento mais tarde.

— Não.

— Não quero ter que fazer isso, mas vou sair em missão. E se eu morrer? Será que realmente faria isso pelo seu país?

Ela solta um ronco adorável. Olha para mim e suspira profundamente.

— Não vai sair até que eu concorde, não é?

— Sou muito teimoso. Pode perguntar ao meu sargento, se quiser.

— Tudo bem, me dê seu número e vou ligar.

Levanto-me do chão e pego meu celular do bolso.

— Me dê o seu. Tenho a impressão que para te ver terei que ser aquele a ligar.

Ela tem a decência de parecer envergonhada. É claro que adivinhei seu plano.

— Tudo bem.

Anoto o número e mando uma mensagem enquanto ela está em pé na minha frente, só para ter certeza que não me deu um falso. Uma vez que ouvi o ping em seu telefone, me sinto um pouco melhor sobre não a ver até mais tarde.

— Eu vou mandar o endereço da festa, e não se esqueça de trazer seu biquíni. Vai ser divertido.

Ela acena com a cabeça, mas quando tenta passar por mim, levemente seguro seus dedos. Sinto novamente quando nossas mãos se tocam e olho em seus olhos. Quando os olhos cor de chocolate encontram os meus, posso ver que ela sente também. Pode ter tentado se livrar de mim, mas posso ver em seu rosto. Não imaginei essa ligação com ela.

Com apenas um toque e um sorriso, ela está se afastando e estou fico a deriva por um momento.

Poucos minutos depois Lucias está estalando os dedos na minha cara, e estou lutando para lembrar o que diabos aconteceu.

Mais tarde neste dia...

— Por que você está levantado?

— Apenas esperando um amigo aparecer. — Digo ao andar até a janela. Todo mundo estava lá quando e Lucias e eu chegamos. Ele veio aqui há alguns minutos para me checar e não vai sair. Recebi um texto de Julie há vinte minutos dizendo que estava a caminho, mas até agora não há nenhum sinal dela. Não sei o quão longe ela vive, então estou tentando não me preocupar se alguma coisa aconteceu com ela.

— Os únicos amigos que tem estão aqui. Quem é ela?

Olho para Lucias e o vejo tomar um gole de cerveja. Eu poderia realmente beber, mas estou tentando adiar. Não quero cheirar a álcool quando Julie chegar.

— Apenas uma garota que conheci na loja. A convidei para a festa. Acho que ela está trazendo uma amiga.

— Legal. — Diz ele jogando-se no sofá.

Depois de uma espera torturante, vejo um carro parar, e vejo o motorista tem cabelo louro encaracolado. Meu coração começa a bater com entusiasmo, e vou a porta da frente e a abro. Sinto Lucias atrás de mim e o ouço murmurar algo sobre “ir devagar”. Não posso fingir. Tenho poucas semanas, e esta menina é especial. Não sei por que, ou como, mas pretendo descobrir.

Ela sai do Civic azul, e a amiga a acompanha. Mandeí uma mensagem após ter recuperado os sentidos, e ela perguntou se poderia trazer alguém. Achei que era para segurança porque conhecer um cara estranho num lugar estranho era arriscado. Além disso, ia fazer o que fosse necessário para conseguir que ela venha. Não teria me importado se ela quisesse trazer toda a sua família.

— Tudo bem baixinha? — Digo ao me aproximar e pegar sua bolsa. Ela parece tão gostosa que estou tentando pensar em estatísticas de beisebol para não criar uma barraca na minha sunga. Tirei a camisa para que ela pudesse dar uma boa olhada em mim, mas agora estou desejando cobertura extra na região da virilha. Julie está vestindo um maiô, mas é branco e transparente, e o rosa neon biquíni embaixo está gritando para mim. Os seios não podem ser suspensos por essa pequena corda, e estou rezando aos deuses que o

tecido rompa. Eu preciso ver seus mamilos ou vou morrer um homem insatisfeito.

Ouçõ uma garganta limpar, e percebo que estive olhando para ela enquanto Lucias falava. Olho para o rosto de Julie e ela cora um pouco. Mesmo corar é sexy pra caralho.

— Esta é minha amiga, Sierra. — Julie aponta para a amiga.

— Prazer em conhecê-la. — Digo, estendendo a mão e apertando a dela. Ela é uma menina bonita. Tem cabelo encaracolado curto e olhos verdes brilhantes. Está com shorts jeans e um top de biquíni mostrando os braços tatuados. Ela se estica e pega minha mão com firmeza, dando um aceno como Olá. Ela então se vira para Lucias, descaradamente olhando-o de cima a baixo.

— Você é fofo. Mostre-me o lugar.

Lucias ri um pouco e a leva para casa.

Olho para Julie e ficamos em silêncio por um segundo. Posso vê-la me olhando de cima a baixo, e posso dizer pelo olhar em seu rosto que gosta do que vê.

Pego sua mão, levando-a para dentro.

— Obrigado por ter vindo.

— Não é como você me desse muita escolha.

— Vamos entrar, então eu posso me desculpar.

Uma vez lá dentro, lhe mostro a casa, e, em seguida, a piscina. Scribe tem uma enorme piscina e muito espaço para entreter. Uma vez que dei as introduções gerais, pego cervejas e vamos para o outro lado da piscina. É um pouco mais tranquilo e fora do caminho, e sentamos para conversar. Sim, porra falar. Não sei o que há sobre essa garota, mas quero saber tudo sobre ela, e sei que meu tempo é limitado.

Ela se levanta e tira o vestido, revelando seu corpo, mal escondida pelo seu minúsculo biquíni.

— Caralho. — Sussurro. Vejo o blush em seu rosto, deixando-me saber que não fui tão sutil.

Ela senta e olha para a cerveja. Depois de alguns segundos, olha em volta e depois suspira como se tomando uma decisão.

— Olha, você parece ser um cara muito legal e, se Deus, você é lindo. — Eu começo a interromper com uma piada, mas ela levanta a mão para me impedir. — Tenho apenas dezoito anos. Então não posso mesmo beber. Sei que você está de licença e não quero trazer problemas.

Ela tem um olhar de decepção absoluta no rosto enquanto me entrega a bebida. Eu sabia que ela parecia jovem, mas não sabia que era tanto. De repente, estou preocupado se deveria tê-la convidado. Deveria ter a levado a um lugar privado em vez de pedir para vir a uma festa com um grupo de Marines.

— Sinto muito, não percebi. Quer ir para outro lugar? — Pergunto. Não quero que ela fique nervosa, e não terminei ainda. Também não tenho vergonha de implorar. Mais uma vez.

Seu rosto fica vermelho brilhante, e ela olha para qualquer lugar, menos para mim.

— Está tudo bem, só não queria colocar você em problemas. Tentei dizer não e sabia que era uma má ideia. — Ela pega o vestido e começa a colocá-lo. — Só vou encontrar Sierra e podemos ir.

Ela se levanta e meu cérebro entra em ação.

— Não! — Eu grito, e seguro seu pulso. Olho em volta e vejo todo mundo olhando em nossa direção, e sua amiga vem até nós. Relutantemente largo seu pulso, e as pessoas voltam para o que estavam fazendo, tentando não causar uma cena.

— Você está bem, Jules? — Sierra pergunta.

— Sim, estou. Você está pronta para ir? — Posso ver que trocam um olhar e Sierra acena.

— Espera. Por favor, não vá. — Entro em pânico e tento pensar em algo para fazê-las ficar. — Olha, há uma sala de cinema na casa. Por que não escolhemos algo e podemos conversar mais? Por favor. Sem beber, nada louco. Vamos só conversar. — Posso ouvir a nota de desespero na minha voz, mas não dou à mínima.

— Espere um segundo. — Sierra diz, e puxa Julie para o lado. Elas têm uma conversa, e caminham de volta para onde estou de pé.

Sierra me olha nos olhos, e depois de um segundo acho que vê o que procurava.

— Você está com sorte. Seu amigo Knox, acho que você o chama de Scribe, é bonito, então não me importo de ficar enquanto conversam um pouco. Mas no segundo que ela pedir para sair, estamos fora. Nenhum protesto, sem argumentos. Entendeu?

— Entendi.

Não perco tempo, levo Julie para dentro até o final da casa e a sala que Scribe utiliza como cinema. Há uma tela de projeção grande numa extremidade e um par de sofás na outra. Ando mais e escolho um filme aleatório, enquanto Julie se senta. Uma vez que está

pronto, vou sentar ao lado dela e viro meu corpo para que esteja de frente para ela.

Ela está vestida novamente. Sinto que eu deveria ter colocado mais roupas, mas não estou perdendo tempo longe dela para me vestir.

— Sinto muito. Eu deveria ter dito algo na loja.

— Não lhe dei muita chance.

Ela ri um pouco.

— Não, está certo, você realmente não deu.

— Tenho vinte e sete. Não sei se faz diferença para você, mas apenas no caso de querer saber.

— Isso não me incomoda.

— Sua idade não me incomoda. — Digo, e sou sincero. Algo sobre ela tomou conta de mim, e é algo que nunca senti. Não sei o que é sobre ela, mas não posso deixá-la ir. É como se houvesse essa atração entre nós, e tenho que descobrir o que é.

Suas bochechas coram um pouco e ela balança a cabeça.

— Bom então.

— Ok. — Digo, estendendo a mão e segurando a sua. O sentimento ainda está lá, e por incrível que pareça, me conforta. — Diga-me tudo sobre a minha baixinha.

Capítulo Dois

JULIE

Seus olhos azuis parecem intensos e brincalhões ao mesmo tempo. Eu deveria estar assustada com a facilidade que ele me move ao redor e me manda ir com ele, mas, neste momento, tudo o que posso pensar é em beijá-lo. É tudo o que estive pensando desde que o vi.

Ele quer falar, e mesmo que conhecê-lo seja o inteligente a fazer, não posso parar a atração entre nós. Quero saber tudo sobre ele, e contar minha história também. Mas, agora, sem camisa, e como está sentado, inclinado em minha direção, prefiro deixar que nossos corpos se conheçam.

Olhando em seus olhos, deixo minhas intenções claras, e entro em seu espaço pessoal no sofá. Quando me aproximo, inclino a cabeça e fecho os olhos, o convidando a fazer o resto.

Não acho que já fiz o primeiro movimento com um cara antes, mas desde o momento que ele segurou meu corpo contra o dele na loja, é tudo o que posso pensar.

Depois do que parece uma hora, mas é provavelmente um segundo, sinto seus lábios contra os meus. Eles são mais suaves do que teria pensado para um gigante. Sua língua empurra lentamente em minha boca, enviando um arrepio por minha espinha. Não consigo impedir meu corpo de querer mais. Aprofundo o beijo, o som de gemidos enche meus ouvidos, e não sei se vem dele ou de mim. Antes que perceba estou subindo em seu colo. Meus braços rodeiam seu pescoço, minhas pernas envolvem sua cintura, e o seguro com toda minha força. Sinto-me começar a mover em cima dele, e estou um pouco chocada. Nunca fui tão devassa antes, mas nunca me senti assim. Talvez seja porque só beijei meninos.

Dei alguns beijos em jogos de futebol na escola, festas, e em vários cinemas, mas nunca agi assim. Nunca beijei alguém e tive que consumi-lo. Nunca beijei um homem, e Abe é um homem do caralho.

— Foda-se, querida, você é tão doce. — Diz ele, puxando a boca da minha e olhando meu corpo. Suas palavras fazem minha buceta apertar, e procuro sua boca mais uma vez. Todo meu corpo parece estar pegando fogo, e preciso chegar o mais perto possível.

Ele suga minha língua em sua boca, agarrando meus quadris. Me movendo sobre sua ereção, colocando a pressão perfeita no meu clitóris. Minha parte inferior do biquíni não faz nada para proteger minha buceta do cume de seu pênis, e não poderia estar mais feliz por isso. Posso sentir o quanto ele é grande e quente contra mim.

Quebrando o beijo, deixo minha cabeça cair, meus cachos loiros em cascata pelas costas, batendo em suas coxas. Ele toma a abertura para afastar o top do biquíni e beijar meu mamilo.

— Oh Deus. — Gemo, ainda mais alto.

— É isso aí, baixinha, relaxa. Vou te dar o que precisa.

E ele está certo. Não estou fazendo nada. Posso estar em cima, mas ele está movendo meus quadris com as mãos, usando sua boca em mim.

— Porra, você tem um gosto bom, como o mais perfeito bolo.
— Ele rosna contra a minha pele, lambendo, sugando e deixando pequenas marcas de mordida. Quero lhe dizer que é meu hidratante, mas tudo o que sai é outro gemido. É como se tivesse perdido a capacidade de falar.

— Vai gozar para mim, não é? Deixa essa buceta molhada para mim. — E foi assim, com suas palavras sensuais, o orgasmo me atinge, me mandando para o céu.

Nunca na minha vida alguém falou para mim assim. Sua boca pega à minha, engolindo meus gemidos enquanto meu corpo pressiona o seu. Sinto-me molhar o biquíni, embebendo-o com minha libertação.

Uma vez que termina, todo meu corpo está relaxado, e sinto minhas costas caírem no sofá.

— Porra, pequena. Simplesmente gozei nas calças, e ainda estou duro. — Abe enterra o rosto na curva do meu pescoço. — Não tenho um preservativo, mas, baby, não estive com ninguém faz um tempo, e servindo no exterior sou testado o tempo todo. Eu prometo. Estou limpo. — Diz ele, se afastando para me olhar. Todo seu corpo cobre o meu, e posso dizer que ele está tomando cuidado para não me esmagar com o seu corpo enorme.

— Estou limpa. — Digo, e sei que deveria dizer o resto. — Mas não tomo nada.

Ele fecha os olhos como com dor.

— Eu vou sair, baby. Quero você nua. Nunca estive pele a pele com ninguém e quero isso com você. Não, preciso disso, mas vai ter que começar a tomar a pílula.

Suas palavras me fazem sorrir. Esta não é uma coisa de uma vez para ele se está falando para eu tomar a pílula. Quero isso e quero com ele.

— Eu deveria provar sua buceta, mas tenho que estar dentro de você. — Ele empurra o pênis contra mim, fazendo meu corpo tremer. Ainda estou sensível do orgasmo, mas estou muito excitada.

— Provavelmente deveria dizer... — Respiro fundo, criando coragem. — Eu nunca fiz isso antes.

— Fez o quê, baby? — Diz ele, salpicando beijando no meu peito.

Merda. Ele vai me fazer dizer. Não sei por que é tão difícil de admitir. Talvez por ele ser mais velho que eu.

Sua cabeça se levanta e ele procura meus olhos. Os intensos olhos azuis me fitando como se estivesse tentando descobrir o que quero dizer. Posso ver quando ele entende e seus se arregalam.

A próxima coisa que sei, é que estou sentada em seu colo, e ele está arrumando meu biquíni para me cobrir.

Não tinha certeza de como ele iria responder, mas não era me afastando. Não parece que ele quer ter relações sexuais, mas não está me pedindo para sair.

— Que filme quer assistir? Algo assustador? Engraçado? Repleto de ação? Inferno, vou até te deixar escolher um filme de mulherzinha, se ficar no meu colo enquanto assistimos.

Sua mudança abrupta de assunto me assusta.

— Você não quer... — Não termino a frase, e posso sentir meu rosto corar.

— Oh, eu quero porra. — Diz ele, empurrando sua ereção em mim. — Mas sua primeira vez não vai ser nesse sofá. Não, vou tornar perfeito para você.

Inclinando-se, ele coloca um beijo suave nos meus lábios. Não posso parar o sorriso se espalhando por meu rosto.

— Mas hoje, vai sentar aqui e assistir alguns filmes comigo, e vamos nos conhecer. Tenho um mês, e quero passar cada segundo com você.

— Ação. — Digo, empurrando meu corpo contra o dele. — Mas ainda vou ficar no seu colo.

Capítulo Três

JULIE

Julho de 2011

Minhas costas estão empurradas contra a lateral do caminhão, e estou em torno de Abe, meu rosto enterrado em seu pescoço. Esta parece ser nossa assinatura. Acho que estou sempre envolvida em torno dele, e ele sempre me segurando como se não pesasse nada. Provavelmente é verdade para alguém tão grande quanto ele.

Não consigo parar as lágrimas escorrendo pelo meu rosto. Sei que elas o perturbam, e esconder o rosto em seu pescoço não as afasta. Tenho certeza que ele pode sentir a umidade contra sua pele.

— Vamos, baixinha, é apenas um ano. Vamos nos escrever todos os dias, e vou ligar e usar o Skype tanto quanto puder.

Choro mais ao ouvir a palavra “ano”. Um ano inteiro sem ele parece ser para sempre. Sei que só estivemos juntos um mês, mas tem sido o mês mais perfeito da minha vida. Estamos colados um no outro desde a primeira vez que nos beijamos.

— Diz que me ama. — Ele pede. É claro que ele pede. Não tenho sido capaz de falar nos últimos vinte minutos. Só estou agarrada a ele e soluçando. Sei que se tentar falar vou chorar, mas parece estar acontecendo de qualquer maneira.

— Eu te amo mais do que bacon. — Sussurro, me afastando para encontrar seus olhos. Provavelmente pareço o inferno. Meus olhos estão vermelhos e meu nariz inchado. Não sou bonita chorando.

— Você me ama muito então. Minha mão nunca mais será a mesma depois do incidente com o bacon.

Eu rio com a lembrança. Ele sempre me faz rir. Quem vai me fazer rir agora? O pensamento me faz chorar novamente.

— Baixinha, juro que minha mão está bem. Por que está chorando? Você tem o bacon, e aprendi a nunca pegar a última fatia de novo, posso prometer isso. Minha pequena assustou esse militar.

— Tenho certeza que não pode levar com você. Embora ela possa caber na mala sendo extremamente pequena.

Sei sem olhar que é Lucias. Comecei a conhecê-lo muito bem ao longo do último mês, e sei o quão importante ele é para Abe.

— Não agora. — As palavras de Abe são duras e irritadas.

— Estou chocado que não a quebrou.

— Vou quebrar sua cara se não seguir em frente e nos dar privacidade.

Sinto-me dar um passo, e o aperto, sabendo que ele não vai brigar com Lucias comigo em torno dele.

— Você tem dez, homem. Então estamos fora.

— Porra eu sei. — Ele grita, e posso sentir a tensão em seu corpo. Ele não está bravo com Lucias, está irritado sobre me deixar. Ele está escondendo bem, e tenho um vislumbre do que ele realmente está sentindo. Temos que ficar juntos. E ele vai voltar para o deserto, arriscando a vida. Posso ficar aqui onde é seguro, sem olhar por cima do ombro todos os dias. Preciso ser forte para Abe.

— Quando voltar, onde vamos nos casar? — Estou tentando chamar sua atenção de volta para mim com algo doce. Ele tem me

pedido para casar desde, bem, acho que cinco minutos depois que o conheci. Ele pediu todos os dias até que finalmente disse que sim, a cerca de duas semanas.

— Não me importo onde, tudo que me importa é você ser minha para sempre.

— Já sou. — Eu o lembro. — Mas acho que tenho que me casar com você, desde que você não vai me desvirginar até que eu diga “sim”.

— Sei como olha meu corpo, baixinha. Não será utilizado para isso. Se quiser ter isso só depois de ter um anel nesse dedinho.

Rio com as suas palavras. O olho com fome. Ele não vai mesmo deixar-me tocá-lo abaixo da cintura. Ele diz que se o fizer, estaria sem minha virgindade em segundos. Abe sempre fez com que eu gozasse, e nunca soube todas as coisas que um homem podia fazer para uma mulher sem sexo. Antes dele, tinha essa ideia de como o sexo seria, mas depois de seu primeiro toque soube que nunca seria o que imaginei. Era sempre melhor com Abe.

— Volta para mim. Está ouvindo, Abraham Tanner?

— Todos os dias lá fora vão ser para voltar. Desta vez, sei o que tenho à minha espera. Vou saber que quando terminar, estou voltando para você, para minha casa.

Engulo o nó na garganta. É por isso que ele não queria tomar minha virgindade. Disse que vai lutar muito mais se saber que estou o esperando. Que, quando este ano passar, podemos estar plenamente juntos.

— Te amo. Esperaria para sempre por você.

— Também te amo, baixinha. Agora beija seu homem. Tenho que durar até voltar a te sentir em braços novamente.

Quando beijo seus lábios, provo lágrimas, e não sei se de qual de nós dois é.

Capítulo Quatro

JULIE

Uma semana mais tarde

Seu rosto preenche a tela do computador. Ele está sorrindo de orelha a orelha, e sinto meu próprio sorriso.

— Encontrei o pacote que colocou na minha mala.

Essas são as primeiras palavras que saem de sua boca, e não posso deixar de rir. Meu rosto aquece, mas não tenho certeza se é de vergonha. Não é nada que não tenha visto antes. Abe ama me ver nua e me dar prazer por horas até que eu implore para ele parar. Então pensei que iria enviar algumas lembranças para mantê-lo feliz.

— Bem, espero que as use.

— Confie em mim, baixinha, eu já usei. — Inclinando-se mais perto da câmera, ele sussurra. — Três vezes.

— Mentiroso! — Ouço alguém dizer ao fundo. — Julie! Oh Deus, Julie! Ouço-o grunhindo seu nome no banheiro pelo menos quatro vezes desde que chegou.

Abe sai da cadeira, e Scribe entra na tela. Abe o segurando pela camisa, e o ouço-o rosnar.

— Não geme seu nome, Scribe.

De repente, uma morena deslumbrante chega na tela.

— Você deve ser Julie. Já ouvi muito sobre você. Sou Mac, mas todos me chamam de Casper. Pode acreditar que são militares? Não sei como sempre fico presa com eles.

Um rugido soa no fundo, fazendo a morena bonita revirar os olhos.

— Eu resolvo isso. — Diz ela, me dando uma piscadela.

Ela se vira, e a ouço chamar sua atenção.

— Abe! Nós vamos esperar quinze anos. Pode bater em Scribe, ou pode falar com a loira linda aqui. Prefiro que escolha a loira, porque, infelizmente, preciso de Scribe. Se não fosse meus ouvidos no terreno, adoraria te ver chutando a bunda dele.

Abe, finalmente, o deixa ir, e vejo os homens cambalearem.

— Jesus, homem. — Scribe xinga. — Ninguém pode falar com uma garota chamada Julie ou Abe nos mata. Claramente não estão autorizados a utilizar o nome.

— Jesus! — Mac exclama. — Podemos ir verificar meu fone de ouvido, por favor? Depois você se mata.

Abe olha para Scribe até que ele finalmente se retira, mas não antes de Mac o bater na parte de trás da cabeça.

Mac salta na frente da tela pouco antes de sair.

— Foi bom conhecê-la, Julie. Coloque um sorriso no rosto dele para nós, por favor? Ele tem sido um urso desde que chegamos.

— Foi bom conhecer você também. Vou tentar meu melhor.

Ela me dá uma pequena piscada antes de desaparecer.

— Volte aqui, quero ver seu rosto.

Abe cai na cadeira.

— Ele estava errado, você sabe.

— Quem?

— Scribe. Foram umas cinco vezes com aquelas fotos que me deu.

— Apenas cinco? — Digo me fazendo de magoada.

— Isso é tudo que estou disposto a admitir.

Sorrio para ele, lutando contra o caroço na garganta. Só o tenho por alguns minutos, e não quero gastá-los chorando. Pense positivo, Jules.

— Eu te amo. — Digo, estendendo a mão e tocando a tela.

— Eu também te amo, baby. — Seus dedos tocam os meus na tela, e parece que nossas mãos se tocam. — Vou sair no escuro por um tempo, então pode não ouvir de mim, mas não pare de escrever. Suas cartas eventualmente vão chegar a mim e vou manter em contato tanto quanto puder. Mesmo se não ouvir de mim, estou sempre pensando em você.

— Esteja a salvo.

— Sempre, baixinha.

Capítulo Cinco

JULIE

Agosto de 2011

Meu querido noivo,

*Não acho que já te chamei assim antes. Parece tão antigo! Comecei a estudar hoje, por isso sou oficialmente uma universitária! * Pulando ao redor*
** Tive sorte o suficiente para conseguir emprego a tempo parcial no café local. Não tenho ideia do que fazer, mas vou fingir até aprender. Gostaria que pudesse ver o meu quarto no dormitório. É a primeira vez fazendo pequenas reformas, porque preciso de todo o espaço extra para meu quarto. Sou uma das sortudas sem companheira de quarto. Não sei como colocam duas pessoas no quarto!*

Ele é lindo, apesar de tudo. No ano que vem não vou precisar de um quarto no dormitório, vou estar feliz e casada com meu lindo militar no nosso lugar. Estou pensando em roxo para o nosso quarto. Vai ter que ser feminino para compensar toda a masculinidade que você tem.

Sinto saudades. Deus, eu sinto muitas saudades. Deixei cair meu telefone na semana passada e quase tive um mini ataque de pânico quando quebrou. Todas as fotos de nós desapareçam. Graças a Deus, fui capaz de recuperar. Imprimi todas e salvei em um milhão de lugares diferentes, então se você ver aleatoriamente um cartaz com a nossa foto, sinto muito.

Eu te amo!

Sempre,

Sua pequena

Muitos beijos.

Capítulo Seis

ABE

Setembro de 2011

Minha,

É melhor estar me chamando de noivo com todas as pessoas que conhece. Na verdade, é melhor que tenha mudado seu status no facebook. A menos que seja uma das fotos de nós no lago. Então vou bater em seu traseiro por mostrar ao mundo o que é somente para meus olhos.

Não fique muito confortável, baixinha. Estou voltando para você, e pode pintar nosso quarto da cor que quiser. Enquanto o seu doce traseiro estiver nu na nossa cama, não dou a mínima para a cor na parede.

Continue escrevendo, baby. Não tem ideia do que suas cartas significam para mim. Não me importa o que dizem mesmo se é só para me contar o que

fez durante o dia, vou amar ler todas. Faz-me sentir que estou com você quando sei o que está fazendo todos os dias.

Eu te amo.

Seu.

Capítulo Sete

JULIE

Novembro de 2011

Meu querido noivo,

As pessoas às vezes dizem que sou muito jovem para casar quando descobrem que estou noiva. Dizem que não nos conhecemos o suficiente. Eu apenas sorrio para elas. Acho que teria sido igual, se alguém me contasse nossa história. É difícil explicar o amor para as pessoas que nunca o conheceram.

Meus pais se casaram, quando tinham dezoito anos, e me tiveram alguns anos mais tarde. Hoje comemoramos seu aniversário de vinte anos juntos. Eles pareciam tão felizes, sempre foram. Quando disse que ia casar com você, tudo que minha mãe disse foi: “Quando você sabe, você sabe.”

É a nossa primeira temporada de férias juntos. Se acha que o último pacote foi bom, espere até ver o próximo. Eu, é claro, inclui um pouco de tudo para Lucias e Scribe. Diga a todos que eu disse oi, e espero que Mac mantenha os garotos na linha.

Com todo o meu coração, te amo!

Sua.

Capítulo Oito

JULIE

Janeiro de 2012

— Julie.

— Quem é? — Digo ao telefone. Olhando o relógio, vejo que é quatro da manhã.

— Julie, querida, é Lucias.

Sinto meu nariz arder, o aparecimento de lágrimas é instantâneo. O tom de voz de Lucias, o fato que são quatro horas da manhã, e que ele está me ligando, me revela mais do que quero.

— Por favor, não. — É tudo que eu posso dizer.

— Calma, querida, ele vai viver. Foi atingido a uma semana, mas está estável.

— Uma semana? — Uma semana da porra e essa é a minha primeira ligação?

— Eu sei, mas tínhamos que resolver umas coisas, esta é a primeira vez que tive a chance de ligar. Acabamos de pousar no hospital Walter Reed, em Washington, DC.

— Estou saindo agora. — Digo, saltando da cama. Pegar tudo o que puder com o telefone ainda pressionado no ouvido.

— Tudo bem, vou te mandar o endereço. Ele tem estado dentro e fora da consciência, mas continua dizendo o seu nome.

Um soluço rasga minha garganta

— Julie, ele vai viver, mas não vou mentir para você, é pesado. Ele foi atingido com uma tonelada merda quando a bomba explodiu. Ele recebeu um monte de estilhaços e tem queimaduras ruins, mas é isso. Tem sorte de não ter sido pior. Internamente está bem.

— Graças a Deus. — Soluço ao telefone.

— Basta chegar aqui. Tenho certeza de que uma vez que chegar, ele vai se acalmar. Ele continua a ter pesadelos, e cada vez

que acorda, está gritando seu nome. Leva quatro de nós segurá-lo, por isso pensamos que você estar aqui pode ajudar.

— Vou chegar o mais rápido que puder.

Deixando cair meu telefone na cama, rapidamente coloco roupas e arrumo a mala. Quando Lucias manda o endereço, encaminho para minha mãe para que ela possa me reservar um voo. Não estou desperdiçando tempo. Ela pode fazer os planos de viagem, enquanto dirijo para o aeroporto.

— Estou chegando, baby. — Sussurro.

Capítulo Nove

ABE

Sinto meu rosto queimar. Meu pesadelo começa sempre igual. Está quente, e não consigo encontrar Julie em nenhum lugar. Ela está aqui, mas não sei onde. Continuo gritando seu nome quando a explosão chega e me atinge, dor dominando meu corpo.

Dias se passaram, ou assim me disseram. Tudo parece desordenado ao redor, e tudo o que posso sentir é dor. Estou dentro e fora, e cada vez que acordo pareço estar em outro lugar. Continuo vendo a explosão na minha frente, e não há nada que possa fazer para impedir. Cada vez que a explosão acontece eu acordo, chamando seu nome. Preciso tirar Julie daqui. Preciso mantê-la segura, mas tão rápido quanto está lá, ela se foi, novamente e não posso encontrá-la.

— Julie! Julie! — Sinto peso pesado em mim novamente, e isso ajuda a aliviar um pouco do meu medo. São meus irmãos me

segurando, eu sei, mas não pode separar a realidade dos meus sonhos. Ambos são distorcidos.

— Abe?

É quase um sussurro, mas sei que é ela. Me esforço mais para tentar chegar até ela.

— Acalme-se, porra. Se você não parar, a enfermeira vai sedá-lo novamente. Julie está aqui, homem. Acalme-se e vamos trazê-la.

Tenho ataduras cobrindo a maior parte do meu rosto, mas ainda posso ver sua silhueta a distância. Não posso imaginar o que pareço. Pelo que me lembro dos médicos, tenho queimaduras de segundo grau e algumas queimaduras de terceiro em mais de quarenta por cento do meu corpo, mas tive sorte de não ter qualquer dano maior. Tive alguns vislumbres de mim mesmo, e não é bom. Começar a sentar de novo, mas sinto Lucias me empurrando de volta para a cama.

— Apenas descanse e obedeça. Estamos tentando fazer isso para você, mas tem que ter calma.

— Ok. — A palavra é tudo que eu posso gerenciar através da boca seca. Em algum momento deve ter tido um tubo na garganta, porque soa como se tivesse engolido cascalho e ácido de bateria.

As luzes se apagam, mas posso ver como ela se aproxima da cama. Posso sentir seu toque através da atadura na minha mão, mas de repente sinto seu puxão a distância.

— Oh deus, Abe.

Flashes da bomba com os pesadelos de Julie, e fico confuso sobre o que realmente aconteceu naquele dia. Ao som de sua voz, memórias e sonhos começam a bombardear minha mente. Balanço a cabeça, tentando clarear meus pensamentos, mas tudo que vejo é fogo e fumaça e a ouço gritando por mim.

Com minhas ataduras distorcendo o ponto de vista, ela parece um anjo. Meu perfeito e doce anjinho. Com queimaduras cobrindo meu corpo e raiva me dominando, devo parecer o próprio diabo. Não era suficientemente bom para ela antes, mas agora não poderia nem mesmo fingir.

— Tire-a aqui. — O silêncio cai do outro lado da sala, e tento respirar através da dor. É tudo que vem nos flashes agora, e estou com medo do que poderia fazer. Posso sentir a raiva crescendo dentro de mim, uma raiva que quer estourar por tudo o que perdi.

— Abe, acalme-se. Está bem. Você está aqui e está seguro.

— Lucias, diga para ela sair. Agora.

— Baby, não faça isso. Eu te amo. Eu não vou a lugar nenhum.
— Sua voz suave envolve meu coração, mas tudo o que posso sentir é raiva me consumindo, me comendo vivo.

Quando me viro para olha-la, ela se aproximou e posso ver mais dela agora. Parece que esteve chorando a noite toda. Ela está uma bagunça, mas ainda tão linda como a última vez que a vi, e só quero tê-la nos braços e abraçá-la. Quero lhe dizer que a amo, mas não posso. Estou muito fodido para ela. Ela merece melhor do que o que resta de mim. Ela precisa de mais do que pedaços.

— Não quero você aqui. Saia.

Posso ver a dor visivelmente atingi-la, e isso me dilacera por dentro.

Ela olha para Lucias, e ele acena com a cabeça em direção à porta.

— Abe, querido, por favor.

— “Querido”, Julie? Pareço querido de alguém?

— Você é meu querido.

Suas palavras me atingem, mas não é o que quero. Prefiro a raiva. É mais fácil de processar no momento. Agarrando a barra de

cabeceira, dou um puxão, arrancando-a fora da cama. A jogo na parede ao lado Lucias, que nem sequer pestanejou. Ele faz atinte o chão com um baque.

— Tira ela daqui! — Ordeno quando duas enfermeiras correm para o quarto.

Julie olha para mim por um instante antes que se virar e caminhar para fora do quarto sem sequer um olhar para trás, e vejo Mac indo atrás dela. Olho em volta e tudo está obscuro, mas posso ver as formas de Scribe e Lucias. Seja qual for que a enfermeira está trabalhando rápido.

— Vocês dois saiam também.

Lucias anda mais perto da cama, não me ouvindo.

— Sei que está sofrendo, irmão, então vou te dar espaço, mas vou estar de fora dessa porta durante o tempo que estiver aqui, te esperando voltar.

— Não preciso de sua simpatia. Basta se afastar porra. Todos vocês.

Depois de um momento o quarto está vazio.

Eu deito lá, pensando no que aconteceu quando sinto as drogas agindo, e caio no sono. O pesadelo me agarram imediatamente, só que desta vez, Julie segura a bomba e vem para mim. Me vejo em seus olhos enquanto ela detona a explosão, e pareço um monstro.

Um monstro selvagem.

Capítulo Dez

JULIE

Apoio meu rosto nas mãos e soluço. Não acho que chorei mais na minha vida do que eu fiz na semana passada. Não sei como tenho mais lágrimas para derramar. Abe se recusa a me ver. Deveria estar muito contente que ele está vivo, mas não querendo me ver está me rasgando. Já se passaram cinco dias, e cada vez que se recusa a deixar-me entrar, uma pequena parte do meu coração morre.

Sinto uma mão quente acariciar minhas costas, e sei sem olhar quem é.

— Eles estão o enviando-o para casa hoje. — Mac diz enquanto continua a esfregar minhas costas. Sou grata que ela está aqui. Esteve comigo a maior parte de meu tempo aqui, sentada no saguão do hospital. Até me deixou abraça-la.

— Ele não vai deixar-me vê-lo, não é? — Pergunto, já sabendo a resposta. Curiosamente, ela não me disse para sair, apesar de tudo. Acho que todos continuamos pensando que ele vai ceder e me deixar entrar.

— Talvez seja melhor você voltar para casa. Talvez quando você voltar para Kansas City, ele vai ver o merda que está sendo.

— Quando vocês saem?

— Eu não vou. Bem, não para Kansas City de qualquer maneira. Tenho que informar a Força Aérea. Scribe e Lucias estão voltando com Abe. Não acho que qualquer um tem que voltar lá. Todos só tinham seis meses para acabar os contratos, e sei que tem planejado o que fazer depois. Mas com este acontecimento e a equipe fodida, é uma aposta segura vão mantê-los nos EUA.

— Obrigado por tudo. — Digo, virando para a olhar. Não sei como teria feito sem ela. Mac não fala muito, mas foi um ombro sólido nos últimos dias

— Não precisa agradecer. Estou fazendo o que é certo, o que é certo para ele. Ele não pode deixá-la no quarto, mas com certeza fica perguntando onde está. Estou supondo que se alguém não tiver uma resposta, ele vai se perder novamente.

— Deus, simplesmente não entendo. Ele está preocupado comigo, mas está me causando dor. Será que ele não consegue ver isso? — Eu desabafo cheia de frustração.

— Julie, eu gosto de você, e sei que meu irmão te ama. — Ela balança a cabeça para a porta, o cabelo preto escovando seus ombros. — Ele é como um irmão para mim, porra. Você não tem ideia de como foi ver a bomba explodir, e não ter uma merda a fazer sobre isso. Foda-se, estava a um quilometro quando disparou, e tudo que pude fazer foi sentar e assistir através da mira da minha arma. Nunca me senti tão impotente... — Suas palavras são firmes, mas vejo a dor em seu rosto.

Respirando fundo, ela continua.

— Quando passa horas em missões com as pessoas, aprende muito sobre elas. Tenho certeza que não você sabe que Abe só falava em casar, que estava planejando fazer uma vida com você, e bem... Isso literalmente explodiu na cara dele.

Estremeço com sua referência.

— Mas não tem que ser dessa forma...

— Eu sei. — Ela me corta. — Mas ele não. Estes homens são teimosos quando tem algo em mente e é assim que vai ser.

Sei que ela está certa. Queria casar com ele e continuar de onde paramos, mas ele tem outra coisa em mente, e isso foi exatamente o que aconteceu. Ele conseguiu o que queria.

— Está me dizendo para ir embora, Mac? — Pergunto ao redor do carão na minha garganta.

— Sim, estou dizendo para ir. O que fazer quando sair é com você, mas sugiro que volte para a escola. Se não vai deixá-la entrar não a nada para fazer. Sentada fora de seu quarto não está fazendo nada além de te machucar. Quando ele estiver pronto, virá para você.

— E se ele nunca vier?

— Então Abraham se foi. O homem sentado naquele quarto não é mais o homem que você deixou há seis meses, e para ser honesta, pode não ser algo que você queira.

— Não me importo quem está no quarto, vou aceitar cada pedaço dele que conseguir. — Imploro, tentando fazê-la entender.

— Sei que faria, mas isso não significa que ele queira. — Ela se inclina mais perto de mim. — Ele virá para você quando estiver pronto.

Rezo para que ela esteja certa.

Capítulo Onze

SAVAGE

Março de 2012

— Você soube dela?

Lucias apenas dá de ombros sem responder, continuando a percorrer os canais de TV.

Irritava-me que Julie ligasse, mas não ouvi nada recentemente. Deveria estar feliz que parou, mas não posso deixar de perguntar.

— Basta responder a porra da pergunta. — Peço com minha frustração ganhando.

— Não, ela não ligou. Não desde a última vez merda. Ela ouviu você, Savage, mas o que diabos isso importa mesmo? Você não é bom para ela. —Ele continua zapeando os canais como se não estivéssemos falando sobre a coisa mais importante na minha vida.

Suas palavras doem, mas é verdade e não posso ficar bravo com ele.

— E não comece essa merda também. Não quero dizer por que está um pouco mais feio agora, quero dizer, porque seu traseiro não vai sair dessa porra de sofá para começar sua vida juntos. Precisa falar com alguém sobre seus pesadelos e estes problemas com a raiva. Talvez até mesmo começar uma terapia, não sei, talvez parar com todos os analgésicos de porra e whisky.

Ele joga o controle remoto sobre a mesa de café, finalmente olhando para mim.

— Você não é o único que perdeu naquele dia. Você perdeu mais? Foda-se, sim, mas esta pessoa sentada ao meu lado, não quer saber. Ele dizia o que você faria com essa menina. Você vai se arrepender um dia. Esqueceu que seus irmãos precisam de você? Eu preciso de você. Há tanta merda acontecendo por aqui no clube do meu pai, e preciso de você nas minhas costas. Só vai nos abandonar depois de tudo? Ainda está lá naquele deserto? Tenho certeza que tirei sua bunda de lá, mas pela sua aparência, não tenho certeza de quem diabos veio daquele lugar.

— Não sou bom para ela. — É tudo o que posso dizer, porque sei que ele está certo.

— Neste momento, estou inclinado a concordar com você, mas poderia ser bom o suficiente se tentasse. Você não lutou para mudar isso, então está certo; não é bom para ela.

Suas palavras doem e pego o frasco de comprimidos ao meu lado. Eles são para a dor, mas não acho que o doutor percebeu que não estou os usando para a dor externa. Eles me anestesiaram e ajudam a esquecer tudo o que eu perdi.

— Eu a amo, Lucias, só quero o melhor para ela.

— Então seja o melhor por ela.

Abrindo a garrafa, olho as pílulas. Fico olhando por um segundo e coloco a tampa novamente. Jogo a garrafa para Lucias, e ele a pega com uma mão.

— Me dá os papéis do médico, vou fazer algumas ligações.

Tenho que pelo menos tentar. Por ela.

Capítulo Doze

SAVAGE

Maio de 2012

— Empurra, empurra, empurra! — O treinador grita, fazendo minha cabeça doer. Deixando cair a barra, solto uma série de maldições. Estive nisso por malditos meses, e nem sequer estou perto de ter minha força de volta.

— Você está fazendo tudo errado. — Lucias diz, dando uma volta no ginásio. — Olha e aprenda. Vou te ensinar como controlar um Savage (selvagem). — Ele sorri, pensando que está sendo inteligente. O nome realmente começou a pegar.

— Volte lá; Vou fazê-lo treinar. — Ele acena para mim deitar no banco.

Deitado, seguro a barra, tentando empurrá-la para cima. Ele levanta uma polegada, mas não consigo fazê-la mais.

— Vi sua baixinha hoje. Acho que estava num encontro com um cara engomadinho. O que há com esses estúpidos de gravata? Não sabem que é ridículo?

Raiva toma meu corpo com as palavras de Lucias.

— Viu? Eu disse.

É então que percebo que tenho a barra totalmente no ar.

— Recebo um corte do seu salário ou algo assim? Ou será que a companhia de seguros me paga para fazer seu trabalho? — Lucias pede ao treinador com um sorriso no rosto, que estou prestes a remover.

Largo a barra e vou em sua direção, mas ele me evita.

— Estava brincando, Savage. Não vi sua menina.

Dou-lhe um olhar duro, mas sinto um sorriso em minha boca.

— Um passo mais perto. — Diz ele, e aceno concordando.

Capítulo Treze

SAVAGE

Junho de 2012

— Os pesadelos diminuíram, mas ainda os tenha uma vez por semana. — Digo a médica, tentando fazê-la entender. Não me importo que estou tendo um, preciso ser normal.

— Abraham. — Diz ela, colocando o bloco na mesa. — Nós chegamos longe de você tê-los todas as noites para tê-los uma vez por semana. Isso é uma grande melhoria num período tão curto, mas tem que se dar tempo.

Ela está dizendo isso há semanas, mas parece que faz meses. Cada dia que estou longe de Julie é uma eternidade. Tenho que estar cem por cento sob controle antes de ir para ela. Quando tenho os pesadelos, perco o controle.

— É preciso se dar mais crédito. Você fez progressos significativos, e com a sua atitude positiva e trabalho duro, não tenho dúvida de que vai ter uma recuperação completa. Só não apresse. Às vezes, vai ter contratempos, mas isso não significa que vai voltar à estaca zero. Vamos continuar a trabalhar neste até que esteja saudável.

— Quanto tempo, doc?

— Só o tempo dirá, Abraham.

Capítulo Quatorze

SAVAGE

Agosto de 2012

— Realmente teve uma recuperação milagrosa. Todas as suas queimaduras cicatrizaram muito bem, sem infecções, e sua força voltou mais rápido do que pensávamos. — Dr. Camp diz, enquanto folheia meu arquivo. Fácil para ele dizer, mas as cicatrizes não parecem ter curado bem para mim, mas é o melhor que vão ficar.

— Não, não tive. Eu ainda não tenho ereção.

As sobrancelhas do médico arqueiam quando me olha por cima dos óculos.

— Isso não é incomum, considerando toda a medicação que esteve usando e o trauma que seu corpo passou. Poderia dar-lhe algo por agora, se quiser, mas você é jovem, tenho certeza que ele vai voltar ao normal. — Ele oferece, mas não quero remédios.

Apenas balanço a cabeça. Não estou pronto para vê-la ainda assim não importa que o meu pau não possa ficar duro agora de qualquer maneira.

— Espere mais um tempo. — Diz ele, fechando o arquivo. — Continue trabalhando com o fisioterapeuta e usando as loções que prescrevi. Fora isso, está tão saudável como pode. Todo o trabalho duro valeu a pena.

Ainda não, penso comigo mesmo. Quase lá.

Capítulo Quinze

SAVAGE

Setembro de 2012

Hoje faz três meses desde o último pesadelo. Me convenci que poderia ficar tanto tempo sem um. Sei que era uma merda no caminho, mas precisava arrumar minha cabeça antes de tentar fazer as coisas direito. Devo-lhe tudo, e ela merece alguém que possa dar-lhe isso. Não queria ser metade de um homem.

Estou de moto indo para a casa dos pais de Julie. Ouvi de Mac que Julie está morando com eles neste semestre para poupar dinheiro, e isso parte meu coração. Deveríamos estar casados, mas minha cabeça fodida impede que isso aconteça. Sinto o vento soprar

meu rosto quando estou perto da casa, e faço um voto silencioso possamos consertar tudo.

A conquistei uma vez, e posso fazê-lo novamente. Tenho que fazer. Aceitei tudo o que mandaram e falei até que meus lábios ficassem dormentes. Já passei por tantos médicos e fisioterapeutas que provavelmente poderia ter um diploma de médico agora. Fiz tudo o que pude para me tornar o homem mais saudável que posso ser para ela, e estou pronto para continuar de onde paramos. Só rezo para ela me perdoar.

Meu pau ainda não funciona, mas a maioria dos meus médicos me tranquilizar que um dia voltaria. Odeio não poder dar isso a Julie, mas vou dar-lhe tudo o que puder para se certificar de que esteja satisfeita. Não me importo se tiver que sua buceta trinta e duas vezes por dia, ela nunca vai ficar frustrada sexualmente. Meu amor por ela vai além do físico, e preciso dela. Não me importo como vai ser. Só tenho que tê-la.

Faço a curva, e vejo seus pais no jardim da frente cuidando das flores. Paro na garagem e desço para ver se ela está em casa. Estou nervoso sobre o que seus pais vão dizer, mas seja o que for, vou aceitar. Ela vale tudo e mais um pouco. Vou tomar qualquer xingamento em minha direção.

A mãe dela se aproxima, com o pai nos calcanhares. Ela é uma coisinha minúscula como Julie e o cabelo loiro branco tem cachos. São quase idênticas na aparência. E atitude. O pai de Julie é alto e bem construído para um cara mais velho. O que acho mais intimidante são seus olhos. Os olhos de Julie são os mesmos, e sei que eles têm a capacidade de ver através de mim.

Fico lá e os vejo caminhar em minha direção, se preparando para a ira e o ódio. Quando sua mãe está perto fico tenso, mas de repente estou envolvido num abraço. É quente e maravilhoso, e não posso ajudar, mas a abraço, deleitando-me com o conforto e carinho.

— Ela está na cozinha. — Ela sussurra em meu ouvido, e se vira para voltar para suas flores sem outra palavra.

O pai de Julie me dá um aperto de mão firme e contato visual sólido, dizendo-me sem palavras para não foder com isso. Aceno de volta para ele, e isso é tudo o que ele precisa. Em questão de segundos estão de volta ao trabalho, e tenho sua bênção para fazer as coisas direito com minha garota.

Sinto-me avançar enquanto caminho para a cozinha. É mais um obstáculo para ter Julie de volta na minha vida.

Fiquei aqui algumas vezes antes sair, seus pais sempre me acolheram em a sua casa. Apesar da nossa diferença de idade, e quão

rápido nos apaixonamos, pareciam ver algo em nós lembrava seu amor.

Paro quando a vejo sentada à mesa, livros e papéis espalhados ao redor. À primeira vista de sua beleza, meus joelhos falham, e caio no meio da cozinha. É onde preciso estar de qualquer maneira, implorando por ela.

— Abe!

Julie diz o meu nome como um palavrão e acusação. Ela pula da cadeira e me olha. É seguro dizer que ela não está feliz em me ver.

— Que porra está fazendo aqui? Vai embora. — Ela cospe as palavras para mim, mas posso ver seus olhos. Eles não podem mentir. Vejo tristeza e a necessidade lá, porque combinam com os meus.

Estou de joelhos, e estendo meus braços, expondo minha alma para ela. Mostrando fisicamente quão exposto estou e que vou sacrificar tudo por ela.

— Julie.

Ela começa a falar, mas a impeço.

— Nunca quis te machucar, e sinto muito por ter te afastado. Você é a melhor coisa que já me aconteceu e fiquei com medo. Estava com medo que você não me amaria se eu não estivesse inteiro, por isso te afastei. Estava tendo um momento difícil para descobrir o que aconteceu, e tentando te manter segura, porque estava um pouco louco. Sei que eu estou com cicatrizes agora, e não sou o mesmo no interior, mas uma coisa nunca mudou. Meu amor por você não foi embora, e sei que agora estou bem. Tenho ajuda e eu vou ficar melhor, estou aqui, implorando para você me aceitar de volta.

— Não.

Ela diz a palavra, mas posso ver o jeito que ela está balançando e lutando contra a atração entre nós. Posso ver o jeito como morde o lábio inferior enquanto luta contra o impulso de dizer o que realmente quer. Posso ver como seus olhos me imploram para segurá-la.

— Por favor. — Sussurro, deixando todo o amor que tenho fluir através das palavras.

— Você quebrou meu coração, Abe. Não posso simplesmente perdoar isso. Você me afastou. Não me deixou te ver quando eu

mais precisava. Que porra é essa? Você era o amor da minha vida. Como eu poderia simplesmente te esquecer?

— Você esqueceu?

— Não.

As lágrimas caem com sua admissão, e quero ir para ela e abraçá-la, mas isso tem de ser sua decisão. Se ela escolher ser minha, não vou deixá-la fugir.

— Julie, meu amor, por favor. Lutei para voltar ao normal, e vou continuar lutando até ter você. Me aceita. Casa comigo. Seja minha e vou dar-lhe tudo. Nós podemos fazer tudo, baby. Ter uma casa, bebês, envelhecer juntos. Por favor, baixinha. Escolha nós dois.

— Imploro, sabendo que vou dormir em frente ao quintal dela todas as noites até que ela finalmente ceda.

Ela ri um pouco em meio a lágrimas quando digo seu apelido.

— Você aparece depois de todo esse tempo e espera que eu caia em seus braços depois de me chamar de “baixinha”?

— Sim. — Digo, dando um meio sorriso.

— Você é um bastardo arrogante, vou te dar isso. — Diz ela, lembrando-me do primeiro dia que conhecemos, quando ela me chamou assim e estava certa.

De repente, ela corre para mim, batendo-me no chão quando a envolvo. Ela envolve os braços e pernas em minha volta, e seguro seu rosto, pressionando meus lábios nos dela. Nossos lábios e línguas se conectam, e é como se fosse nosso primeiro beijo mais uma vez. Consome tudo e é como nada que já senti. Ela é a minha outra metade e quando nossos lábios se tocam, meu mundo volta para seu lugar.

— Graças a Deus! — Grito, me afastando de seus lábios.

— O que? Esperava mais luta?

— Bem, na verdade, sim. Mas também, meu pau está duro como rocha agora, então hoje é oficialmente o maior dia da minha vida. Vamos nos casar agora para que eu possa ir em frente e torná-lo ainda melhor.

— Você é louco, sabe disso?

— Louco por você, baixinha. Agora diz que me ama.

— Te amo mais do que bacon.

Mais tarde neste dia

— Não posso acreditar que fiz isso. — Diz ela, brincando com a dog tag em torno do meu pescoço. Elas significam mais do que ela sabe, mas vou lhe dizer sobre o clube mais tarde.

— É melhor acreditar, Sra. Tanner. Amo um bom casamento em Vegas.

— Tinha certeza de que meus pais iam nos fazer esperar, mas acho que sabem que como o verdadeiro amor é.

— É muito, muito grande, não, Sra. Tanner?

— Vai me chamar assim para sempre, não é? — Ela pergunta, com um sorriso iluminando o rosto. Ela gosta quando a chamo assim.

— Foda-se, sim. Você é minha agora, baixinha. Isto é para a vida.

Ela ri e me inclino para beijar seus lábios. Assim que ela me deu luz verde, a peguei e estávamos no primeiro avião para Las Vegas. Tivemos uma rápida cerimônia dirigida por Elvis e agora estamos numa suíte.

Julie se afasta, e tento mantê-la perto, não querendo deixá-la ir.

— Fácil, Abe. Só quero me trocar. Não pensei em algo para vestir na nossa noite de núpcias por nada. Quero que esta noite seja perfeita.

— Ela já é. Mas se quiser ter o que comprou rasgado em pedaços, tudo bem. Mas estou dando-lhe exatamente sete segundos antes de derrubar essa porta.

— Sim, senhor. — Ela diz batendo continência. Não tenho coração para dizer-lhe quão terrível a saudação é ou que gosto dela me chamando de “senhor”. Vou guardar para outra noite.

Quando ela sai, tiro minhas roupas, me perguntando o que ela vai pensar sobre as cicatrizes e quão diferente estou agora, mas afasto a dúvida. Estamos além disso. Julie não importa como me pareço. Vou para a cama. Estou tentando ser paciente e dar-lhe o tempo que precisa, mesmo que esteja morrendo para senti-la contra mim.

Depois do que parece uma eternidade, a porta do banheiro abre, e ela espreita para fora, escondendo-se atrás da porta.

— Estou nervosa. Não sei por que, já que me viu nua, mas isso é diferente.

— É nossa noite de núpcias, baby. É um negócio grande.

Ela ri, e a ouço respirar fundo para se acalmar. Finalmente, a porta se abre e ela sai. De repente, todo o sangue do meu corpo vai para meu pau, e me esqueço de falar. É estranho, finalmente, ser capaz de ficar duro depois de tanto tempo, mas parece que todo o meu corpo precisava dela. É tudo que quero.

Ela caminha lentamente até a cama, e não tenho respirado desde que ela saiu do banheiro. Ela fica na extremidade da cama, parecendo um anjo, e não consigo encontrar minha língua. Ela está vestida com renda branca, mas vê-la assim, uma virgem em nosso casamento, faz algo para a besta dentro de mim.

Ela está corada, e posso dizer que muito tímida. Não devia deixar-me mais duro, mas, porra, deixa.

— Abe?

Ela sussurra meu nome tão baixo que quase não ouço.

— Perfeita — É tudo que posso dizer quando em sento e a puxo para a cama. Rola para que ela fique debaixo de mim, meu grande corpo cobrindo o seu. Ela é tão pequena, mas nos encaixamos. Temos isso. A renda branca esfrega entre nós, quando a afasto para expor seus mamilos, esfregando-os no meu peito. — Fodida perfeição.

— Esperei tanto tempo por você, Abe. Eu te amo tanto.

— Também te amo, Julie. Com todo meu coração.

Me inclino beijando-a, seu corpo envolvendo o meu. Meu pau duro pressiona contra sua abertura, e posso sentir o quão quente e úmida ela está. Estivemos no limite durante todo o dia para selar o negócio, então estou saltando as preliminares. Preciso estar dentro dela e ter nossos corpos ligados como foram feitos para estar. Preciso tê-la em todos os sentidos possíveis para saber que é realmente minha.

Movo meus quadris para que a ponta do meu pau empurre contra sua entrada. Olho nos olhos dela, e ela me dá um pequeno aceno, deixando-me saber que está pronta. Quando empurro e rompo o hímen, ela solta um grunhido. Minha menina é resistente e esconde a dor, não me deixando saber o quanto dói.

Ela é tão incrivelmente apertada. Tenho que me concentrar na minha respiração. Ela me aperta, e a sentindo pele contra pele, é o céu. Nunca transei sem camisinha, mas com ela vai ser sempre assim. Não me importo de quantas vezes ela engravidar, não quero nada entre nós.

Inclino-me e beijo seu pescoço, deixando-a relaxar um pouco, esperando a dor diminuir.

— Estou quase todo o caminho, baby. Apenas respire, e vou empurrar o resto.

— Jesus Cristo, está zoando, Abe? Há mais de você?

Sorrio contra o pescoço dela e continuou a beija-la, esperando ela relaxar.

— Acho que nunca me deu uma boa olhada, mas sou grande em todos os lugares, Sra. Tanner.

— Esse monstro nunca vai estar na minha bunda. Ouviu?

— Tudo a seu tempo, baby.

Empurro o resto do caminho, e desta vez ela permite que o grito escape.

— Porra!

— Num segundo, amor. Vamos te dar prazer primeiro.

— Sabe muito bem o que quis dizer, Abe. Jesus. Ter bebês não será um problema depois que você me foder algumas vezes com essa coisa.

Se ela não parar de falar sobre a engravidar, vou gozar antes mesmo de começar. Mordo seu pescoço e me inclino para lambe

seus mamilos. Chupo um de cada vez em minha boca. Empurro os seios juntos, então tenho os dois ao mesmo tempo. Isso é o que é preciso para fazê-la jogar a cabeça para trás de prazer e começar a se mover no meu pau. Seus quadris fazem pequenos movimentos no início, mas depois de alguns minutos, ela está empurrando, tentando me ter mais profundo.

— Quer que eu te foda agora, baixinha?

— Sim. — Ela murmura enquanto fecha os olhos, perdida em prazer. Estou pronto para dar-lhe qualquer coisa que ela peça, puxando e empurrando. Ela está tão quente e apertada, sua pequena buceta me segurando em seu pequeno corpo.

Ela é a melhor e a única que vou ter. A partir do momento que a eu vi soube que nunca haveria outra em minha vida, não importa se estivemos juntos ou não. Qual seria o ponto? Uma vez que tivesse um gosto da perfeição, nada iria se comparar.

— Oh Deus, Abe! Estou perto. Toque meu clitóris.

Minha menina nunca foi tímida sobre pedir o que quer. Como sempre, dou o que ela quer, e começo a dedilhar seu clitóris.

— Deus. — Resmungo, sentindo sua vagina apertar-me mais.
— Não vou durar mais tempo, baby.

Quando digo as palavras, ela se desfaz, gritando e molhando meu pau com seu prazer. Posso sentir seu mel revestimento meu pau. O culminar de todas estas coisas, os sons, a sensação, me envia ao longo da borda. Empurro dentro dela, tanto quanto posso ir e gozo.

Gozo tanto que mal consigo me segurar. Não quero esmagá-la, então me sustento nos cotovelos. Há muita porra e corre para baixo de sua vagina e sobre a cama. Nosso prazer está em toda parte, cobrindo suas coxas. É uma sensação maravilhosa ter um orgasmo, mas ter o melhor orgasmo de sua vida? Impagável.

Depois que controlo a respiração, nós dois rolamos. Ainda estou dentro dela. Meu pau finalmente voltou à vida e não parece que vai descer novamente. Chego para baixo, retirando minha dog tag, e a coloco em torno de seu pescoço quando ela fica em cima de mim.

— Para que servem? — Ela pergunta, as puxando.

— É apenas outra maneira de te marcar como minha, bebê.

Ela estende a mão e toca a aliança de casamento, sorrindo para mim.

— Gosto de ver isso em você. Te marca como meu. — Com as palavras, ela levanta um pouco e geme com a sensação.

— Lembre-se de todas as vezes que praticamos isso, baixinha?

Ela começa a balançar um pouco mais, mexendo os quadris, encontrando um ritmo que gosta.

— Me lembro de você me provocando. Não tirando suas calças para me dar o que queria. Lembro-me de ter que montar seu pau coberto porque não iria colocá-lo em mim. — Minhas mãos soam quando ela realmente começa a se mover em cima de mim.

— Bem, agora é todo seu baby. Faça o seu pior. — Dou um sorriso arrogante, e sinto a pele cicatrizada ao longo da minha bochecha se franzir. Ela deve sentir minha apreensão, porque se inclina e beija a parte do meu rosto que tem o pior da explosão.

— Você ainda é aquele mesmo bastardo lindo e arrogante pelo qual me apaixonei.

Sinto seus em meu pescoço e peito enquanto ela me monta. Amo como ela me aperta, compartilhando nossos corpos. Não planeja sair dela pelos próximos três dias. A quero tanto quanto possível.

— Oh sim? Sou um veterano ferido agora, baixinha. Acho que vou precisar de atenção extra.

Ela se senta e revira os olhos para mim, lentamente deslizando para cima e para baixo. Isso me faz gemer, e ela sabe exatamente o que ela está fazendo. Ela olha em meus olhos, e posso nos sentir no lugar. Como duas peças do quebra cabeça finalmente juntas. Tenho a minha menina, e tudo está certo no mundo.

Mais tarde

Acordo, respirando pesadamente e coberto de suor. Percebo que estou de pé e meus ouvidos estão zumbindo. Olho ao redor e tudo que vejo é lixo. Parece que alguém pegou um bastão e quebrou tudo.

— Julie. — A palavra está seca na minha garganta, e estou tendo flashbacks de tentar falar no hospital. A sala está girando, e olho em volta, tentando desesperadamente encontrá-la.

Ouçõ algo no canto do quarto e a vejo agachada e nua, com as costas contra a parede.

— Julie, baby, o que aconteceu?

Quando me aproximo, noto sangue em minhas mãos. Está em minhas duas mãos e não sei como chegou lá.

— Abe, por favor, não. — Ela sussurra e a vejo empurrar-se ainda mais para o canto.

Pisco algumas vezes, tentando lembrar onde estou. De repente, flashes de meus pesadelos voltam, e percebo que fiz isso. Devo ter sonhado com a bomba e destruiu o quarto quando dormia.

— Oh merda. — Me volto para Julie, e ela ainda está encolhida no canto. — Baby, sinto muito. Juro que não vou te machucar. — À medida que as palavras saem da minha boca, percebo que não sei se são verdadeiras. — Jesus, Julie, eu te machuquei?

Olho para baixo e vejo um pouco de sangue nas pernas, mas eu não sei se isso é de algo que quebrei ou se a toquei com as mãos sujas. Meu estômago revira. Vou ficar doente. Levanto-me do chão e corro para o banheiro, vomitando.

— Oh Deus, o que eu fiz?

Ouçoo o movimento na outra sala, e sei o que preciso fazer. Ando de volta e pego minha bolsa, puxando jeans e uma camisa. Olho para Julie, e a vejo se cobrindo com o lençol e a sangue nele. Ver isso me faz querer vomitar novamente.

—Abe...

— Não faça isso. Estava errado em vir atrás de você. Foi um erro.

— Um erro? O que está dizendo? O que você está fazendo? Você não me machucou! É seu sangue na minha perna e no lençol. Ele voou das suas mãos quando destruiu o lugar. Eu estava assustada. Você acordou e só começou a quebrar tudo, e não consegui te parar. Por favor, Abe.

Olho para cima e vejo as lágrimas escorrendo em seu rosto. Ela parece tão bonita, mas tão quebrada. Não posso fazer isso com ela novamente. Sei o quanto a feri, mas não posso correr o risco novamente. Era egoísta tentar recuperá-la. Que porra há de errado comigo? Por que faria isso para a única pessoa nesta terra maldita que amo mais que tudo? Mais do que minha própria fodida vida. Faria qualquer coisa por ela, mas não posso ficar. Preciso realmente libertá-la de mim. Ela precisa seguir em frente, esquecer que me conheceu. Talvez precise que ela me odeie. Isso tornaria mais fácil para ela. Meu cérebro me dizendo para dizer, mas meu coração falha.

— Nosso casamento foi um erro. O sonho que tive de nós, bebês e para sempre, foi um engano. Acabou, Julie. Não sou o

homem que conheceu, e tenho de fingir que desde que voltei não sou um maldito monstro.

— Abraham, por favor, por favor, não faça isso. Não faça isso comigo novamente. Por favor, não me afasta. Sou sua esposa. Podemos resolver isso. Podemos ter ajuda.

— Eu tentei! — Eu grito. — Tentei cada coisa porra que mandaram e não funcionou. Acabou, Julie. Eu não sou seu marido e você não é minha esposa. Não teremos um felizes para sempre. Nossa história termina aqui.

Ela corre para mim e tenta me tocar, mas pego minha bolsa, e levanto as mãos.

— Não me toque, Julie. Não sou nada além de um veneno perigoso. Você sempre foi muito boa para mim.

Me viro e saio do quarto sem olhar para trás. Mas antes da porta bater, ouço seus soluços. Ela chora por mim que não vou voltar. Ouço seu coração quebrar em dois, e eu sei que, naquele momento, vou ter novos pesadelos para o resto da minha vida.

Capítulo Dezesesseis

JULIE

No dia seguinte

Levei quatro horas falando com a polícia para convencê-los de que o marido que me abandonou foi quem destruiu o quarto, mas que não queria denunciá-lo. Tive que chamar meus pais e pedir para pagarem os danos antes de sair da delegacia já que cartão de crédito não cobria os custos.

Aparentemente, alguém ouviu o que aconteceu. Isso, combinado com o meu choro, levou-os a chamar o gerente do hotel, que então apareceu para ver a situação. Felizmente, não lembro muita coisa.

Sou como uma porra de zumbi, no piloto automático, e assim que o táxi para na casa dos meus pais, eles estão lá com os braços abertos para me levar para o quarto.

Uma vez que caio na cama, não me movo.

Capítulo Dezessete

JULIE

Fevereiro de 2013

— Por favor, Lucias, preciso vê-lo.

— Porra, Julie, não sabe o que isso faz para ele. Toda vez que aparece, nos leva semanas para afasta-lo da garrafa. Sempre que você aparece no clube e pede para vê-lo, ele se perde, mesmo ele nunca coloque os olhos em você. Não podem continuar fazendo isso. Você tem que deixá-lo ir.

— Eu só... — Tento encontrar as palavras, mas sei que ele está certo. Abe é uma causa perdida, mas gostaria que alguém pudesse dizer isso ao meu coração. Esta é a terceira vez em dois meses que

tentei fazer com que ele me veja. Mas cada vez, é assim. — Apenas pensei que vê-lo ajudaria.

— Isso não acontece. Você precisa ir e não voltar. Se o ama, vai deixá-lo ir.

Aceno com a cabeça, sabendo que é a coisa certa para nós dois. Por mais que me mate, saber que ele está sofrendo mais porque estou aqui torna pior. Se deixar Abe ir é a única coisa que posso fazer, então é o que vou fazer.

Capítulo Dezoito

JULIE

Quase dois anos depois - Maio de 2015

Trabalhar num clube de strip realmente não é tão ruim. Tenho um diploma universitário, mas este emprego de fim de semana paga mais em dois dias que meu trabalho de contabilidade no mês. Claro, existem alguns negócios obscuros que acontecem, mas mantenho meu nariz limpo e a cabeça baixa. Tudo o que tenho a fazer é sorrir para as pessoas certas, e minha carteira engorda.

Isto não é como imaginei minha vida, mas, hei, a vida de ninguém é um conto de fadas.

Capítulo Dezenove

SAVAGE

Atualmente - agosto de 2015

Estou suado e tremendo de adrenalina. Poderia ter uma bebida agora, mas empurro o pensamento. Não bebo mais, então é inútil desejar algo que não quero ou preciso.

Empurro-me para fora do ringue e deixo a multidão ver o cara no chão. Outra luta, outro dólar. Digo a mim mesmo que é a única vez que a esqueço, mas sinceramente, é quando mais me lembro. Quando estou no ringue, vejo seu rosto, lembre-se seu cheiro e luto. A única maneira que sei como lidar com a perda de Julie é me ferir como a machuquei.

Temos lutas nas cavernas que levam para as colinas de Kansas City. Durante o dia são usadas por uma empresa, mas à noite são de nossas lutas.

Venho lutando aqui desde Vegas. Lucias, que é agora oficialmente o presidente do clube após a morte de seu pai, pensou que seria uma boa maneira de canalizar minha raiva. Além disso, paga muito bem. Todos eles me chamam de Savage como meu nome de estrada agora. Ele se encaixa, e preferiria ter um nome que mantenha as pessoas à distância.

Ajudei Prez a assumir o Ghost Riders MC assim que voltei para Julie. Esperava trazê-la de volta a minha vida, mas as coisas não saíram conforme o planejado.

Quando a deixei naquele quarto de hotel, liguei para Prez, e ele pegou o próximo voo para me buscar. Não lembro muito depois de sair do quarto, só que Prez me levou para o clube. Foi um tempo antes que eu soubesse o que estava acontecendo ao meu redor. Bebi até esquecer, então lembrava de qualquer maneira, e bebia mais. Depois de um tempo o álcool não funcionou, e mudei para drogas. Quando não afastaram a dor e os pesadelos, Prez me puxou para fora novamente e me colocou no ringue. Bater em alguém foi a única coisa que funcionou. Foda-se, Lucias me conhecia melhor do que eu mesmo. Me viu no fundo do poço para que pudesse me mostrar o

que realmente funcionava. Agora estou limpo e sóbrio, e eu sou VP dos Ghost Riders, mas ainda moro com meus demônios. O diabo dentro de mim nunca vai embora, mas encontrei uma maneira de, pelo menos, fazê-lo feliz.

Como vice-presidente do clube, lido com a merda e fico ao lado do Prez. É meu trabalho fazer seu trabalho mais fácil e estou bem com isso. Concentrar-me em outra pessoa afasta minha mente da vida fodida. Pensar no clube e como posso fazer isso melhor é mais divertido que pensar em como sou fodido.

Estou tirando a fita de minhas mãos quando Bret vem em minha direção. Sei que isso não é a coisa certa a fazer, mas não posso me impedir. Tem sido anos desde que a vi, e já tive o suficiente. Sei que não sou bom o suficiente para Julie, e não tenho muito para oferecer, mas sou um filho da puta egoísta, e preciso vê-la. Ela não pode me ter de volta, mas tenho que tentar falar com ela um pouco. Minha vida tem sido uma merda desde o dia em que saí e tenho que levá-la de volta. Sofro e não tem nada a ver com cicatrizes no meu corpo. Foda-se minhas cicatrizes, e foda-se quem as vê. Meu pesar encontra-se no coração, e está envolto numa mulher curvilínea, com cachos loiros e olhos que vêem através da minha fera.

Existem algumas pessoas perto de mim, em sua maioria bundas doces, mas eu não transo com elas. Sou, afinal, um homem casado.

Se eu não poderia tê-la, eu não teria ninguém. Vejo Prez falar com Scribe apenas uma maneira curta distância, e Casper e Vincent estão deixando as pessoas vê-los foder ao lado do ringue.

Olho Bret e aceno com a cabeça para trás. Pego minha toalha e atravesso a multidão até estar no fundo da caverna e sozinho. Assim que Bret anda para cima, estou nervoso, mas pronto para fazer isso.

— Onde ela está?

— Cara, você pergunta dela a quase dois anos, e tudo que sabe é que ela está bem. Disse que não queria detalhes, não quer saber porra nenhuma, exceto se ela está viva e bem. Fiz isso para você, e nunca fez perguntas. Então, por que de repente está fazendo?

Levanto meu rosto, perdendo a paciência.

— Não precisa se preocupar com isso. Tenho minhas razões. Hoje à noite quero detalhes. Tenho planos de vê-la, e preciso saber onde está.

— Cara, entendo que talvez ela significou algo para você, mas tenho que ser honesto. Ela está com os Five Aces, de modo que pode querer repensar ir atrás dela. Não estou tentando entrar nos negócios do clube, e você nunca pediu detalhes antes, mas pode querer deixá-la ir.

O agarro pelo colarinho e o levanto do chão, prendendo-o à parede.

— Que porra é essa?

Ele sufoca, mas ouço bem o suficiente.

— Savage! Acalme-se cara. Ela está trabalhando no strip, e pensei que gostaria de saber que ela está com as Five Aces. A vi ontem à noite. Ela estava pegando dinheiro do presidente. Não sei como mas ela está em seu território, trabalhando no clube e marcada como deles.

Não pode processar tudo o que ele está dizendo, porque tudo acontece ao mesmo tempo.

— Ela é uma stripper?

Ouço minha pergunta ecoar nas paredes. Deveria ser mais cuidadoso sobre estar chamando a atenção, mas não dou a mínima para quem ouve. Esta notícia rasga minhas entranhas em pedaços, e muda meu plano de ir atrás dela. Ia esperar o momento certo, mas parece que é agora.

— Essa porra importa Savage? Disse que ela está trabalhando com os Five Aces. Não sei se ela está passando a informação ou o que, mas sou apenas o mensageiro, homem.

O aperto mais, cortando todo o ar dos pulmões. Não me importo que ele está chutando e arranhando ou ficando azul. Ele precisa parar de falar.

— Calma, Savage. Está procurando outra rodada? Não acho que este aí está pronto para o ringue, mas provavelmente poderia achar uns candidatos.

Ouçõ Casper dizer, mas eu não estou a ouvindo.

— Volte para o seu homem, Casper. Tenho coisas para fazer.

— É apenas minha sorte você querer se foder em público, e não tenho tempo para te salvar.

— Ninguém te pediu para vir aqui.

— Tenho certeza menino azul aqui se importa com a interrupção, não é, filho? Além disso, essas putas me viram marcando território com Vincent. Gosto de fazê-lo esperar para gozar. Mantê-lo pronto, se sabe o que quero dizer.

Deixo Bret cair no chão, que tosse buscando ar.

— É o suficiente. Estou fora. — Acho que meus planos para um grande gesto romântico voaram pela janela. Vou pegar minha mulher esta noite.

— Onde estamos indo?

Eu e Cas sempre nos protegemos, e sei que é porque ela viu o que Julie significava para mim. Eu não a afastei, porque não iria adiantar. Quando saio e caminho para a moto, ela pula na dela, e a vejo verificar suas armas.

— Leather and Lace.

Ela me dá um sorriso malicioso.

— Foda-se, sim, poderia usar alguns peitos na minha cara agora mesmo.

Capítulo Vinte

JULIE

— Quatro dólares. — Grito sobre a música, deixando a cerveja na frente do meu novo cliente.

— Se eu pagar vinte, você mostra seus peitos? — Ele grita de volta, dando um sorriso, pensando que ele está sendo inteligente.

Leva tudo em mim para não revirar os olhos, mas o que posso esperar? Estou trabalhando num clube de strip. Só fico no bar, mas sei o tipo de ambiente mesmo estando nesse emprego a um mês.

Não respondo, eu vou ao caixa colocando os vinte dólares e pegando o troco como gorjeta volto a estocar as cervejas.

— Hey, vadia! Tenho certeza que esqueceu os peitos que paguei.

— Não, apenas cobrando por me irritar. — Digo, sem olhar para ele.

— Sua puta. — Ele xinga, tentando me acertar por cima da barra. Antes que possa chamar o segurança, Burnout o tem pelo pescoço. O homem encolhe instantaneamente, pedindo desculpas porque Burnout assusta a merda fora de todos, mesmo de mim.

— Você está brincando com algo que pertence a mim. — Burnout diz ao homem, fazendo meu coração acelerar. Burnout tem sido regular nas duas últimas semanas, desde que veio aqui com um monte de caras, todos vestindo jaquetas de couro dos Five Aces. Parecem com a que Lucias usava quando tentei ver Abe. Sei que o pai de Lucias costumava ter seu MC, que já ouvi que Lucias agora dirige.

— Desculpe, Burnout. Não sabia que ela era sua propriedade. Eu juro.

Burnout permite que o homem vá, quando o segurança caminha até nós.

— Julie? — Pergunta, querendo que eu esclareça o que aconteceu, pergunta quem deve expulsar. Eu gostaria de dizer ambos porque não gosto dos olhos de Burnout em mim o tempo todo, mas

se o clube jogar as pessoas para fora por olhar, não haveria ninguém no lugar.

— Apenas o bêbado. — Aceno com a cabeça para o homem que Burnout ainda tem pelo colarinho. Além disso, se pedir para Burnout ser jogado fora, não tenho certeza do que aconteceria. Posso dizer que ele tem algum tipo de poder aqui, e com certeza não quero saber. Só quero manter minha cabeça baixa e trabalhar.

Burnout dá ao homem um olhar antes de se inclinar e sussurrar algo no ouvido do cara, mas não posso ouvir o que ele diz sobre a música. Depois disso, empurra-o para Jimmy, leão de chácara do clube, e ele é levado.

— Obrigado, Burnout. Posso arranjar algo especial ou apenas o regular?

Tomando a vaga deixada pelo homem, ele simplesmente ignora minha pergunta.

— Se fosse minha, não estaria trabalhando num lugar como este.

— Parece-me que você só disse a alguém que eu era sua... Propriedade. — Respondo. Burnout nunca cruzou a linha comigo antes. Ele é bom em comparação com muitos dos homens que vêm

aqui, mas algo está errado. Algo que faz meu coração parar. É um sentimento que não gosto, como se fosse a presa e ele o predador. Meu pai sempre me disse para confiar em meu instinto, e Burnout não é bom.

— Você poderia ser. — Ele sorri como se estivesse me oferecendo o mundo ou algo assim. Não, não mais caio para sorrisos bonitos. E Burnout é considerável, tipo menino mau, com o cabelo bagunçado e olhos azuis. Normalmente, acho olhos azuis lindos, mas Burnout não. Os seus são frios.

— Desculpe, Burnout, mas não pertenço a ninguém, e não pretendo mudar isso. — Quero que ele entenda plenamente assim faço contato visual com ele. Não tenho tempo ou necessidade de um homem na minha vida, muito menos quando posso dizer que iria trazer problemas. Estava dando dicas nas duas últimas semanas que não estava interessada, mas está claro neste momento que preciso ser mais direta. Agora que ele está dizendo a pessoas que pertenço a ele, preciso ser clara.

Ele me olha por um instante, os olhos fixos, o sorriso some de seus lábios, o cara real aparecendo. Estou supondo que ele não gosta de ouvir não. A maioria dos homens não gosta, mas costumam seguir em frente.

— Você é nova aqui, então vou ser fácil com você. Mas enquanto está trabalhando aqui, você é buceta livre para os Five Aces. Eu te contratei e é hora de pagar com essa buceta doce.

Meu dedo aperta a garrafa. Que porra é essa?

— Burnout... Eu... — Me esforço para encontrar palavras. Minhas opções parecem limitadas, porque não tenho certeza de quem me ajudar ou expulsar Burnout.

Seus olhos percorrem a apertada camisa com “Leather and Lace” estampado no peito para a saia jeans até as botas de caubói. Estou vestida modestamente em comparação com os outros aqui. As garçonetes tem que estar bonitas. Temos de vestir a camisa do bar, mas a maioria das meninas mostrar tanta pele quanto possível. Embora esteja coberta, os olhos de Burnout me fazem sentir nua.

— Você coloca as mãos sobre ela, e vai ser o único com uma boceta. — a voz rude de Abe enche meus ouvidos, e solto a garrafa de cerveja que quebra quando bate no chão. Estou atordoada, apenas olhando para ele, e então constrangimento me atinge. Começo a sentir vergonha, mas então me lembro por que estou trabalhando no clube de strip nas noites de sábado, tentando me manter.

— Poderia imaginá-lo com uma vagina? Não adianta porque ele não saberia o que fazer. — A piada de Mac puxa meus olhos para

ela. Ela parece à mesma, o cabelo escuro puxado num rabo de cavalo e usa jeans apertados. Não posso deixar de sorrir para ela, mesmo que esteja no meio da tempestade. Não sabia que ela estava aqui em Missouri, e é bom vê-la. Sei que são amigos, mas me deixa com ciúmes vê-los tão perto.

— Vocês, pedaços de merda não podem me tocar no meu território. — Burnout é presunçoso em sua declaração, o que me faz pensar que ele sabe algo que não sei. Olhando o tamanho do Abe, não acho que alguém discordaria dele.

A mão grande de Abe vem para baixo em seu ombro, apertando forte.

— Parece que estou tocando em você.

— Esses Five Aces são mais burros que merda de cão. Juro, sempre se certifique de estar longe antes de contrariar Savage.

Dando um passo para trás, ouço o vidro da garrafa quebrar sob minhas botas.

— Não se mova. — Abe diz para mim, como se ele estivesse irritado. Paro meus movimentos, os olhos correndo entre os três. Abe parece selvagem, assim como Mac disse. As cicatrizes na

metade de seu rosto estão franzidas por sua ira, mas ainda se parece com o Abraham que conheci anos atrás.

Mac só parece divertida com a situação, como se estivesse tendo o momento de sua vida.

— Você não tem o direito de estar em nosso território. — A voz de Burnout sai um pouco mais frágil agora que Abe tem uma mão sobre ele. Deve estar repensando sua posição, mas sei que existem outros Five Aces por perto no clube.

De repente, Mac fica irritada.

— Não parece ter um problema do caralho vindo ao nosso território e abrindo um buraco na porra da minha parede. — Parece que ela vai atacar a julgar por sua raiva. Em vez disso, ela respira e dá três passos para trás, se controlando.

— Calma, Casper. — Abe diz. — Não aqui.

Burnout olha entre Abe e Mac, medo em seus olhos.

— Precisa manter essa cadela sob controle.

— Eu só a impedi de disparar na sua bunda. — Abe se inclina próximo a ele, e mal ouço quando ele sussurra. — Não acha que ela já fez buracos suficientes em seus irmãos?

Burnout vai revidar, mas Abe ainda tem a mão em seu ombro. O ângulo é estranho e faz Burnout deslizar. Abe o pega pela nuca e bate sua cabeça no bar, vendo quando ele desliza para o chão. É rápido e quase silencioso, e eu estou congelada no lugar.

— Nós conseguimos montar. Agarre-a. — Mac diz, apontando para mim. Agarre-me? Sim, isso não está acontecendo.

Abe estende a mão por cima da barra, indicando que deveria ir com ele. Mas simplesmente recuo mais, o vidro quebrando sob minhas botas.

— Julie.

Balanço a cabeça. Não vou ir com ele. Não posso fazê-lo.

— Baixinha.

Meu coração aperta, quase se quebrando. Não, fui queimada duas vezes por ele, e não vai acontecer uma terceira, não importa o quão ruim queira saber por que ele está aqui. Mas talvez deva dizer a ele; quem sabe se vou voltar a vê-lo.

— Savage, vamos lá, cara. Sem sutileza. Temos cerca de trinta segundos para ir.

Quando Abe continua a me olhar, a mão estendida, Mac tenta novamente.

— É só a gente aqui.

Abe olha para Mac e, em seguida, acena com a cabeça, tomando uma decisão. De repente, ele salta por cima da barra como se fosse nada mais que um passo, e me joga por cima do ombro antes que eu possa reagir. Estou de cabeça para baixo e fora do bar antes que possa protestar, atordoada com o que ele acabou de fazer.

— Que porra está fazendo num lugar como esse? — Ele resmunga, levando-me para fora.

— Isso não é da sua conta, Abe. Deixei de ser o seu negócio na noite que me deixou em Las Vegas.

Sinto-o parar, e então ele me coloca no chão. Estou chateada que ele fez isso e volto a me afastar. Ouço suas botas me seguindo, e vejo sua motocicleta estacionada ao lado do meu carro. Trabalho neste clube de strip estúpido para ganhar dinheiro extra, dinheiro que não quero pedir aos meus pais. Os últimos anos têm sido difíceis para eles sem chuva o suficiente para alimentar a terra. Trabalhar aqui é um extra de três centenas de dólares por semana. É dinheiro fácil, e seria louca de recusar. Não tenho tempo para sua besteira.

— Sou seu marido, sendo assim é a porra do meu negócio. Ou esqueceu que ainda me pertence?

Suas palavras me atingem, e giro quando ele agarra meu braço. Ele parece lívido, mas não me importo. A dor que ele deixou no meu coração é maior do que sua atitude.

— Marido? — Ouço a descrença na voz de Mac, mas não tenho tempo para explicar.

— Oh, não esqueci, Abe. — Empurrando seu peito, tento levá-lo a dar um passo atrás, mas ele não se move. Empurro com mais força, e desta vez ele realmente me deixa ir. Marchando para o lado do passageiro do meu carro, abro a porta e procuro dentro do portaluvas. Posso senti-lo de pé atrás de mim, então quando localizo o envelope, me viro e o jogo em seu peito. —Assine na linha pontilhada e não sou mais seu problema.

Ele parece atordoado, mas abre o envelope, puxando os papéis, as dog tags caindo em sua mão. Vejo o flash de dor em seu rosto, e quero muito afasta-la. Sei que ele passou por muita coisa, e não quero ser parte de sua dor, mas preciso pensar em mim. Quero que ele seja feliz, mas ele não parece querer ser, e não posso deixar que me arraste para baixo com ele. Tenho mais do que apenas eu para pensar agora, e não posso ter isto me segurando.

— Não temos tempo para isso, pessoal. Vocês podem ter o seu... — Mac faz uma pausa por um segundo enquanto ela procura a frase certa. — Estado civil discutido no clube.

— Não vou a lugar nenhum com vocês. — Estou firme ao lado do meu carro. Não estou fazendo confusão. Preciso voltar e terminar meu turno.

— Sim, você vai. — Ambos dizem.

— Não, não vou.

— Vou levá-la chutando e gritando, Julie. Não estou de brincadeira.

Mac solta um suspiro de frustração.

— Saiam da merda os dois. — Ela se vira para mim e dá um olhar severo. — Vou ser direta com você, Julie. A merda do Burnout tem um pau duro por você, e apenas ficou mais duro quando descobriu que você quer dizer algo para um de nós.

— Nós?

— Sim, os Ghost Riders, estamos em guerra com eles. Apenas fui lá e agitei a merda, por isso até terminar isso, seu traseiro precisa estar no nosso clube para que esteja segura. Eles podem vir por você

atrás de vingança porque vão fazer alguma coisa para ferir Savage. Isso é o que Burnout vai fazer depois do que aconteceu. Esses filhos da puta têm egos que não pode imaginar.

Faço uma pausa por um segundo, tentando descobrir o que fazer. Olho para Abe.

— Isso é verdade?

— Sim, baixinha. Preciso ter certeza que está segura.

Quero revirar os olhos para ele. Agora ele se importa com o que acontece comigo? Este não é mais sobre mim, e se estou em perigo, significa...

— Oh Deus! Tenho que pegar meu bebê! Se eu não aparecer de manhã para pegá-lo, minha mãe vai chamar a polícia.

— Você tem um bebê? — A voz de Abe é mais suave do que já ouvi em muito tempo. Seus olhos estão subitamente cheios de preocupação, e a pequena gentileza me faz sentir melhor. Tem sido anos desde que vi aquele olhar de compaixão.

— Sim, um menino. — Que parece você. Mas não digo a última parte em voz alta.

— O pai está na sua vida? — Vejo um raio de esperança em seus olhos.

— Não. Parece que não posso manter um homem. — Amargura domina minhas palavras, e não me importo que é dirigida a Abe. Ele pode estar sofrendo, mas me feriu em dobro.

— Julie, você sempre me teve, e fui um tolo por deixá-la ir. Quase não sobrevivi deixando-a, e não posso fazê-lo novamente. Por favor, venha comigo, e vou fazer as coisas direito. — Ele fala enquanto rasga os papéis do divórcio, e coloca as tags no bolso.

De repente, caindo de joelhos na minha frente, as mãos grandes seguram meus quadris enquanto ele inclina a testa contra minha barriga.

— Por favor, baixinha, vamos pegar seu bebê de manhã, e podemos estar juntos. Não me importo que ele não é meu, ele é seu e isso é tudo que preciso saber. Tenho sido estúpido. Por favor, por favor, não me deixe.

Olho para Mac, e ela só nos olha, mas posso ver em seus olhos a dor que sente por ele. É a mesma dor que está em mim. Ele é um homem quebrado que sabotou sua própria felicidade. Deus, eu amo Abe. Nunca parei de amá-lo, mas a dor é muita.

— Ele é seu. — Digo simplesmente. Talvez chama-lo de bebê seja demais, mas sempre o chamei de bebê mesmo que tenha dois anos agora. Ele sempre será meu amor. — Não queria escondê-lo de você, Abe, mas estive protegendo-o de que poderia fazer com ele o que fez para mim. Ele não merece promessas vazias, para ser deixado um dia, porque decide que é muito. Além disso, tentei te contar, mas...

Minhas palavras param porque não quero dizê-las. Lembrar-me de todas as vezes que apareci e ele não quis me receber é muito doloroso. Agora não é a hora de ir para isso, e tenho que pensar nas minhas prioridades.

— Neste exato segundo, tudo o que estou preocupada é protegê-lo da bagunça que acabou de criar.

Capítulo Vinte e

Um

SAVAGE

Acho que se um caminhão me atropelasse estaria menos chocada do que estou. Ele provavelmente doeria menos também.

— Ele está na casa dos seus pais agora?

Ouvir a voz de Vincent me tira do estado de choque.

— Tinha que me seguir, não é, protetor? — Casper parece surpresa que seu namorado agente do FBI esteja aqui.

— Qualquer bom agente teria te seguido. Mas um homem apaixonado teria te rastreado, esperado dentro do clube de strip para

ver se havia problemas, ouvir tudo o que disse, e aparecer para salvar o dia.

— Jesus, tira. Vou colocar um sino no seu pescoço. — Casper passa por cima e esfrega as mãos em seu corpo. — Se isso é para me excitar, está funcionando.

— Sim, ele está com meus pais. Preciso chegar lá o mais rápido que puder. — Julie diz, interrompendo-os.

Solto seu quadril e me levanto. Eu ainda não sei o que dizer. Ela teve um bebê e não me disse. Dois anos. Foda-se, eu perdi tudo.

— A melhor coisa que pode fazer agora é ir para o Ghost Riders e esperar até amanhã. Se Mac está, eles vão buscar vingança sobre você e Savage esta noite. Vou mandar um par de viaturas para a casa dos seus pais apenas no caso, mas vão estar à procura de uma luta com vocês primeiro. Minha sugestão é para sair daqui agora. É só por esta noite, e é a opção mais segura para você e seu filho.

Olho para Julie, e ela acena solenemente para fazer o que é mais seguro para todos. Quando ela tenta entrar no carro, tomo sua mão e a levo para minha moto.

— Abe, que está fazendo? — Ela tenta se afastar, mas não temos tempo a perder.

— Está deixando o carro aqui. É mais rápido de moto. — Antes que ela possa protestar, a agarro e monto, rapidamente dando partida. De primeira, ela agarra o lado da moto, mas coloco seus braços ao meu redor. Sentindo-a na parte de trás da minha moto e com as mãos na minha cintura, me sinto vivo novamente. Tem sido anos desde que senti isso, desde a última vez que a toquei, mas estou de volta no lugar. Meu quebra cabeça se encaixou, mais uma vez. Julie é e sempre será minha alma gêmea. Sei o quanto estou fodido e o que fiz para ela. Estou tentando processar que temos um filho, mas há tempo para conversar mais tarde. Agora, temos de sair daqui.

Saindo do estacionamento, ouço Casper de moto, e Vincent atrás dela em seu carro. Acelero, deixando o vento em torno de nós afastar toda besteira. Algumas pessoas dizem se sentir livres de moto, mas não eu. Quando estou na minha, é um lembrete de que estou sozinho e que ela não está sentada atrás de mim, onde deveria. Andar com Julie e sentir seu calor muda tudo.

Quando sinto seu rosto em minhas costas, acaricio sua coxa, deixando-a saber, que sinto isso também. Neste momento, estamos ligados e imaginando os passeios que poderíamos ter feito. Me senti como os velhos tempos, e nossos corações reconhecendo o que éramos. Tenho lutado com essa coisa entre nós, e estou cansado de combatê-la. Uma coisa em toda a minha vida me fez feliz e um

homem melhor, e foi Julie. Ela é meu tudo, e a afastei porque estava com medo. Sei o que precisa mudar e decidir ir para ela esta noite foi o pontapé nas bolas que precisava. Era o universo me dizendo: “Ei, idiota, você tem mais uma chance”, e não vou desperdiçá-la.

Paro nos portões de ferro, e digito minha senha de acesso. Olho para trás e Julie viu os números. Sempre usei o aniversário dela, e nunca pensei em mudá-la. Não disse nada enquanto avançamos até parar em frente à casa.

Quando ando até a porta dupla, seguro sua mão. Ela se afasta e fica parada, me olhando e, em seguida, às portas.

— Temos muito a falar, baixinha, então vamos entrar.

Casper e Vincent passam ao meu lado e param para nos olhar.

— Desde que ela é sua esposa, acho que isso significa que se enquadra como old lady, mas pode querer verificar com o Prez já que ela não está concordando muito, e não usa suas tags. — Casper diz.

Odeio admitir, mas Casper tem um ponto. Vincent balança as tags de Casper em torno de seu pescoço enquanto passa entrando no clube.

Olho para Julie, e ela cruza os braços sobre o peito.

— Baby, tem que usar minhas marcas para entrar. Sem exceções.

— Então acho que não vou entrar.

Ela está sendo a porra da Julie teimosa que eu amo, mas agora não é o momento para isso.

— Entendo que quer ficar longe, mas não pode passar por essas portas sem minhas tags. — Enquanto falo tiro a corrente do bolso para ela colocar.

Ela me olha e depois para as portas, mas ainda está com os braços cruzados. Nós dois estamos congelados em nossa postura teimosa quando ela finalmente fala.

— A última vez que vim a essas portas estava grávida de cinco meses do seu filho. Não contei a Lucias que estava grávida. Apenas disse que precisava vê-lo. Achei que deveria ter ouvido isso de mim, e sinceramente, não queria que ficasse comigo por obrigação. Quando disse que precisava vê-lo, Lucias disse-me para desaparecer e deixá-lo, porque era o melhor. Eu não preciso de nada de você, mas pensei que merecia saber. Tomar a decisão de deixá-lo naquele dia e ter nosso bebê sozinha foi a decisão mais difícil que já tomei na vida. Então, sinto muito se não estou super ansiosa para entrar lá e fingir que tudo entre nós está bem.

— Jesus, Julie. Ninguém nunca me disse. Eu juro. Naquela época eu estava uma bagunça. Só de ouvir seu nome me enlouquecia por semanas. Eu bebia e usava drogas para tentar fazer a dor sair. Fiz tudo para nos esquecer e como te amava. Mas nada funcionou. Por favor, Julie, por favor. Basta entrar comigo e conversar. É o único lugar que possa mantê-la segura, e precisamos resolver essa merda. Você não tem que me perdoar, mas colocá-las diz a todos que é minha, e é a única maneira de entrar.

— Bem. Vamos acabar com isso.

Ela se inclina para frente e coloco a corrente sobre seus cachos loiros em torno do pescoço. Uma vez que ficam sobre seu coração, sinto algo dentro de mim revirar. Algo que nem sabia que estava lá.

Seguro sua mão e ela me permite levá-la através das portas e para o clube. O salão principal é enorme, e algumas pessoas estão jogando sinuca. Há um longo bar do outro lado de uma parede, e do outro lado, estão sofás de frente para um banco de TVs. Sem bundas doces no clube porque só trazem merda, e Prez só quer pessoas que possa confiar plenamente por trás dessas paredes, portanto, numa noite de sábado não é muito lotado. Algumas das olds ladys gostam de festa, e alguns caras não se importam de partilhar, por isso ainda pode conseguir agito, mesmo com apenas um punhado de pessoas.

Ainda bem que é uma noite tranquila, e continuo andando até a escada.

A casa está distribuída em vários andares, o topo é metade meu e metade de Prez. Ele queria viver no clube para estar perto de tudo em todos os momentos. Casper e Scribe têm seus lugares, mas cada um tem um quarto no caso de merda acontecer. Prez e eu vivemos aqui em tempo integral, uma vez que ambos trabalhamos na garagem do outro lado do composto, e não queremos uma buceta.

Seguro a mão dela enquanto subimos a soltando apenas para pegar minhas chaves. Tomo sua mão novamente e a puxo para o quarto, um pouco nervoso sobre mostrar-lhe meu lugar. Atravessamos a porta, a trancando, e ela olha em volta.

Sinto meu rosto aquecer, sabendo que ela está olhando. O lugar é pequeno, mas está configurado como um apartamento com uma sala de estar, cozinha e quarto com um banheiro anexo. Não é nada chique, mas é limpo e privado. Nunca deixo ninguém entrar aqui, então decorei do jeito que queria.

— Abraham. — Ela sussurra, e meu rosto fica vermelho mais.
— Por quê?

— Porque esta era a única maneira que eu poderia tê-la. — Em cada parede na minha casa, há uma foto de Julie. Algumas são de nós antes do acidente, mas a maior é do nosso dia de casamento.

— Depois de Vegas, eu te perdi. Comecei a beber até desmaiar, usava drogas, qualquer coisa para me anestesiarem. Pensei que a noite era o fim de mim, e estava fugindo de tudo o que gostava para acabar com minha vida tão rápido quanto podia. Não tinha mais nada para viver depois daquela noite. Depois de alguns meses, decidi acabar com tudo, e dirigi para o rio com uma pistola. Estava lá, pensando em como não poderia tê-la e como nada na minha cabeça estava certo, quando Mac apareceu. Ela me contou que sabia o que era a sensação de se odiar, e que acabar com minha vida, não iria resolver o que fiz de errado. Ela me disse que se passasse o resto da minha vida tentando fazer isso direito, então era uma vida digna de ser vivida. Não sabia se poderia tê-la novamente, mas poderia ter isso.

Abro os braços e gesticulo em torno do lugar coberto de seus sorrisos.

— Isso fez a vida valer a pena. Se tenho que acordar todos os dias e ver o seu rosto, mesmo que fosse apenas uma imagem, é um dia que vale a pena viver. Esperava que um dia pudesse tê-la aqui e arrumar o que fiz de errado. Estava procurando o momento perfeito,

mas há não parece haver um. Hoje à noite fui empurrado para agir rapidamente, tinha alguém vigiando você, só me dizendo se estava bem. Não sabia onde estava ou o que fazia. Hoje à noite perguntei onde estava para que pudesse encontrá-la e começar a me desculpar. Queria começar a fazer direito com você, mas ouvir onde estava e o que fazia, me enviou sobre a borda. Não podia esperar mais e precisava ter você ao meu lado.

Ela olha para mim e coloca as mãos sobre a boca com lágrimas escorrendo pelos olhos.

— Sei o que aconteceu em nosso casamento foi horrível, e deixa-la foi a pior coisa que poderia ter feito. Quando estava no fundo, Lucias me jogou no ringue, e me deu uma maneira de canalizar minha auto aversão. Me odiava tanto por deixá-la, e não ser o homem que merecia. — Dou um passo em direção a ela, caminhando lentamente para que ela não se afastar. — Sabia que se a visse, sequer por um segundo, antes de estar melhor, não seria capaz de deixá-la ir, e teria errado novamente. Sei que o que fiz foi errado, e gostaria de ter uma palavra melhor do que desculpe, mas eu sinto muito, Julie. Estou arrependido. — Fico de joelhos na frente dela e abro meus braços. É a mesma coisa que fiz na casa de seus pais na noite em que a convenci a fugir e casar comigo.

Julie deixa cair às mãos, mas lágrimas ainda escorrem por seu rosto.

— Não faça essa merda, Abe. Não fique de joelhos e diga que está arrependido. Você quebrou a porra do meu coração, eu te odeio por tudo.

— Baby, eu me odeio também. Odeio-me por ser tão estúpido e tão fodido para te deixar. Odeio-me mais do que você poderia pensar. — Me ajoelho enquanto ela chora. Não tenho mais lágrimas depois de quase três anos sem ela, então chora tanto por nós que meu coração sangra. — Por favor, Julie. Não posso fazer isso novamente. Não posso viver sem você e não posso te deixar ir. Não sou o homem que era. Sinto muito, baby. Deixe-me passar minha vida fazendo isso para você.

Ela olha ao redor, vendo as fotos de si mesma, e, em seguida, fecha os olhos, respirando fundo. Posso ver que está sofrendo tanto quanto eu, e é hora de pôr fim à dor.

— Baixinha, temos um filho juntos, e agora que sei sobre ele, quero estar em sua vida. Posso ter sido um marido de merda, mas não vou ser um pai de merda. Concordar em deixar-me voltar para sua vida é sua decisão, mas vou ficar na dele, não importa o que.

Então, se vai ser minha não o faça por causa do bebê, diz que vai ser minha porque me ama.

Ela abre os olhos.

— Você sabe que te amo mais do que bacon.

Com suas palavras, estendo a mão e a tomo nos braços. Ela cai de joelhos comigo, e a seguro enquanto ela chora.

— Porra, te amo tanto, Julie. Nunca vou deixar você de novo, baby. — Se este é o universo nos dando uma última chance, não vou estragar tudo.

A seguro em meus braços antes de carregá-la para a cama. Deito sobre ela olhando como é linda.

— Quatro anos desde que te conheci, e só tem ficado mais linda. Ainda é que a baixinha sexy que balançou meu mundo.

Ela chora mais, e me inclino as enxugando com beijos. Beijo seus cílios e bochechas, e, em seguida, faço meu caminho para seus lábios. Uma vez que nossas bocas se conectam, estou perdido. Seus beijos são como uma droga, e me afogo em euforia. Nossas línguas se encontram, lembrando-se do que nunca esquecemos. Seguro seu rosto em minhas mãos e os braços e pernas automaticamente

envolvem meu corpo, como se o tempo não tivesse passado. Meu corpo e dela, alinhados como sempre, em perfeita sincronia.

Estou duro como rocha e com necessidade primordial. Empurro a saia para cima e pressiono minha ereção em calor. Nós dois gememos com a sensação e me afasto tirando a roupa.

— Fique nua, baixinha. Preciso te foder até o próximo século.

Ela me olha e enrubesce um pouco. Ela está tímida como nunca, e pauso, meu jeans quase fora.

— O que está errado? É muito rápido? Foda-se, estou lendo errado? Tinha certeza de que queria isso.

— Não, não, Abe. Eu quero. É que... O meu corpo mudou muito desde o bebê, e não sou como antes. — Ela puxa a camisa, e me inclino sobre ela, empurrando as mãos.

— Baby, não há uma polegada de você que não amo, e vendo como fiquei sem minha vida por três anos, agora não é o momento de ser tímida. Sou o único marcado, e você é perfeita. Você é a beleza da minha besta.

Julie ri um pouco, e a ajudo a tirar a roupa. Uma vez que está completamente nua, olho para o seu corpo, vendo pequenas cicatrizes em seu estômago.

— As únicas diferenças são que estas... — Digo, inclinando e beijando cada uma. — E que são fodidamente lindas.

— Pare com isso, Abe. Não tem que mentir para mim. Fiquei enorme como uma casa carregando seu filho. — Ela tenta me afastar, mas sento e prendo seus braços acima da cabeça.

— Eu nunca menti para você, Julie, e nunca o farei. Seu corpo teve o meu bebê, e estou doente sobre como perdi isso. Não queria nada mais do que ver você grávida e ter uma família com você. Sei que errei e perdi a chance, mas estou pensando em te engravidar novamente para compensar o tempo perdido.

— Abe, tem sido um longo tempo, e não sou ingênua. Tenho certeza de que esteve com outras pessoas, então deve usar um preservativo, e podemos conversar outra hora. Não estou tomando pílula também.

— Espero que não esteja dizendo que ficou com outra pessoa, porque tenho certeza como a merda que eu não fiz. Sou casado com você, baby, e mesmo eu não fosse, não há uma pessoa neste planeta que me excite. Nem sequer pensei em outra mulher desde o momento em que te vi. Decorar minha casa com sua imagem não ajudou, então me masturbei muito nesses três anos. Neste ponto,

você pode respirar em mim e eu gozo. — Me inclino para baixo perto de sua boca. — Diga agora se esteve com outra pessoa.

— Não, Abe. Sempre foi você.

Sento-me e tiro a camisa, mostrando-lhe o colar que uso. Ela o segura e toca minha aliança pendurada na corrente e olha em meus olhos.

— Eu o tirei do dedo e coloquei em volta do meu pescoço. Sempre foi minha esposa, e sempre esteve próxima ao meu coração. — Pego a corrente e puxo até arrebenta-la. Dou o anel a Julie, e depois de um segundo de hesitação, ela desliza no meu dedo anelar, onde permanecerá até o dia que eu morrer.

A alcanço e toco as dog tags que estão entre seus seios, vendendo-as como um símbolo do meu pedido e da nossa ligação.

— Eu sou só seu, baby.

Ela acaricia as cicatrizes em meu peito e braços, sentindo todos os lugares que fui ferido. Olhando em seus olhos, espero ver pena, mas a minha menina é forte e não me decepcionou.

— Suas cicatrizes me lembram o que temos superado. Faz meu corpo se lembra do como é ser possuída por você.

Ouvir as palavras me faz forte, e posso sentir o pré-semêm no meu pau.

— Isso é certo, baby. Sou o único que já esteve em sua buceta, e sou o único que vai estar nela.

Tiro meu jeans e o resto das roupas enquanto beijo seu pescoço, e depois passo para o peito, lambendo e chupando os mamilos. Tomo suas seios nas mãos e os mordo do jeito que ela gosta. Ela agarra meu cabelo e me segura mais perto, e sinto seus quadris balançando, sua buceta implorando por atenção. Relutantemente me afasto dos seios, porque sei que o verdadeiro prêmio é sua buceta. Antes de chegar ao seu mel, paro e olho as estrias em sua barriga. Não sei como, mas a deixam ainda mais sexy sabendo que as teve pelo meu bebê.

Fico entre suas coxas e pressiono o nariz contra seu monte. Seu cabelo é loiro aqui também e sua buceta parece quase nua. Ela cheira melhor que nos meus sonhos, e fecho os olhos, apenas saboreando-a. Depois de um momento, ela empurra contra mim, deixando-me saber que quer atenção.

— Quer meus beijos, baby?

— Deus, Abe, não me provoque. Tem sido anos e preciso de você.

Me sinto da mesma maneira, então lambo meus lábios e lambo seu clitóris, e chupo os lábios quando deslizar dois dedos dentro de sua vagina.

— Porra, você é muito apertada, baby. Preciso trabalhar um pouco. — A fodo com os dedos, lambendo seu doce mel. Lubrifico meu dedo com seus sucos, deslizando para seu buraco. Ela treme e geme, deixando-me saber a minha menina gosta de brincar na bunda.

Estou tão duro que tenho que lutar para não gozar, mas é inútil. Tendo sua buceta no meu rosto, seu cheiro me cercando, é suficiente, e cedo gozando em mim mesmo. Julie não parece notar ou se importar de tão perdida em meu toque. Gozo sobre a cama sem ter sequer tocado meu pau. Depois do orgasmo rápido, a sinto tremendo. Sua vagina aperta meus dedos enquanto as costas se curvam para fora da cama. Ela agarra meu cabelo, puxando meu rosto mais perto de seu clitóris, e chupo duro, enviando-a ao longo da borda.

— Abe! — Ela grita, e isso vai direto para o meu pau. Ainda estou duro depois do meu primeiro orgasmo, mas sei que vai demorar cinco ou seis vezes antes que o filho da puta amoleça.

Aproveito seu orgasmo, a beijando suavemente. Pequenos tremores balançam seu corpo, mas uma vez que está tudo acabado, subo por seu corpo.

— Porra, Abe. Isso é tão bem.

— Você ainda é apertada, baby, então pode doer um pouco. Só tenho estar dentro de você antes de morrer.

Com minhas palavras, nos alinho e empurro dentro com força.

— Foda-se! — Grito, segurando-me dentro dela. Começo a gozar de imediato e apenas me seguro dentro dela, tentando recuperar o fôlego. — Oh Deus. — Sufoco as palavras, meu orgasmo assumindo, enquanto gozo. Não tive intenção de gozar tão rápido, mas está tão apertada e molhada, que não posso controlar.

— Desculpe. — Murmuro quando o prazer diminui.

— Jesus, esqueci o quão grande essa porra era.

Nossos olhos se encontram, e ela sorri. Posso ver que está tentando esconder a pontada de dor. Escovo meu polegar em seu rosto, olhando para ela maravilhada com o quão perfeita é.

— Temos o resto de nossas vidas, Julie. Não quero apressar as coisas.

Ela acena concordando com minha declaração, envolvendo seu corpo em torno do meu. Seguro-me dentro dela, apenas saboreando quão boa ela é, mas depois de alguns minutos, ela começa a mover os quadris. Ela está pronta para mais, e estou pronto para dar-lhe tudo o que ela quer.

Começo a empurrar lentamente no início, e então acelero segurando seus quadris para que possa esfregar seu clitóris enquanto entro e saio. Depois de alguns golpes, ela joga a cabeça para trás e geme meu nome, tornando-se cada polegada da mulher sexy que sempre foi. A Julie que precisava e exigia gozar. Vê-la assim, sentindo-a debaixo de mim, é como se nunca tivesse longe.

Tento ir devagar, mas não posso. É muito. Tê-la novamente, e sabendo que está comigo é mais do que posso suportar. Empurrei mais algumas vezes, e quando sei que ela está na borda, a alcanço. Empurro dentro, ficando tão fundo dentro de sua vagina quando posso, e grito. Gozamos juntos, e é uma bagunça sexy. Ela está cheia de mim e isso me faz sorrir.

Quando Julie recupera o fôlego, a beijo e rolo para que possamos encarar um ao outro, mas ainda estarmos conectados. Sei que desta vez precisa ser diferente, porque estamos diferentes. Quero que isso seja para sempre, então vou fazer o que for preciso, a começar a ser honesto.

— Estou com medo que possa ter um pesadelo de novo, agora que está aqui.

— Estou com medo também.

Ela acaricia meu rosto cheio de cicatrizes. Realmente não lhes dou mais atenção. Por muito tempo não eram nada, além de um lembrete de tudo que perdi, e parei de olhá-las. Agora, quando ela toca meu rosto, são um lembrete de que sobrevivemos. Juntos.

— Não tive um em anos, mas continuo indo à terapia. Meu médico diz que posso ter contratemplos, mas deve melhorar conforme o tempo passa.

— Estou preocupada que no segundo que o fizer, vai sair pela porta.

Sua confissão me bate no coração, porque sei que a machuquei.

— Olhe para mim, baixinha. — Nossos olhos travam e seguro seu rosto para que ela saiba que falo sério. — Se isso acontecer, não vou deixá-la. Se ficar assim de novo, vou procurar ajuda, e pode ter Lucias dormindo no sofá para se certificar de que está tudo bem, mas juro que desta vez vamos resolver isso juntos. Não sou o monstro que pensei ser e te ver hoje à noite mostrou isso. Fiz uma escolha na

época de não lidar com meus problemas com minha esposa. Não vou tomar essa escolha novamente. Escutou?

— Eu ouvi, Abe.

Nos rolo para estar em cima novamente, e empurro dentro.

— Agora diga que me ama, e vamos selar o negócio novamente.

— Você sabe que o faço. — Diz ela, envolvendo os braços em volta do meu pescoço, me dando um sorriso arrogante.

— Quanto?

— Mais que bacon.

Capítulo Vinte e

Dois

JULIE

Tento soltar minhas mãos, mas ele não vai deixar. Ele só entrelaça os dedos nos meus.

— Abe, eu não posso! — Peço, mas ele só rosna em minha buceta. Já perdi a conta de quantas vezes gozei. Não sei se ele está nisto por minutos, horas ou até mesmo dias. O prazer é infinito.

— Oh Deus, oh Deus, oh Deus. — Eu grito, e estou surpresa que não perdi a voz. Depois que disse a ele que não poderia aguentar

outra rodada de sexo até que meu corpo ter tempo para se recuperar, ele decidiu que queria brincar com o clitóris.

— Mais um baixinha. Por favor, só mais um, preciso disso. — Ele pede antes de mergulhar de volta, fazendo minha bunda sair da cama.

Ele me come como um homem faminto. E talvez seja. Sua boca em torno do meu clitóris, sugando-o, a língua provocando. Sua barba esfregava minhas coxas, quase dolorosamente, mas de alguma forma só aumentou meu prazer.

Meus joelhos apertaram firmemente, tentando os fechar, mas Abe é tão grande e não posso fazer nada para impedi-lo. Estou completamente aberta e sem escapatória. Cada vez que tento esquivar, é como se ele se enterrasse mais fundo dentro de mim, com medo que eu fosse desaparecer.

Abe não provoca. Ele me dá prazer com cada orgasmo. Olhar para seu tamanho e necessidade me faz gozar.

Fico mole na cama, mas ele ainda não me deixar ir. Ele se move para cima, colocando a cabeça no minha barriga. Olho para ele, e ele me dá um meio sorriso. É um sorriso que não tenha visto desde antes que ele me deixou em Vegas.

— Não posso te perder. — Ele diz, fazendo meu coração apertar. Odeio os anos que passei longe, todo o tempo perdido, mas não posso mentir e dizer que sofri mais. Pelo menos tinha nosso filho, um pedaço de Abe comigo. Ele esteve sozinho este tempo todo.

Soltando minha mão, corro os dedos por seus cabelos, até a cicatriz que vai da testa a mandíbula. Ele normalmente esconde esse lado do rosto.

— Esqueci sobre isso por um momento. Você nunca comenta sobre elas. — Ele fala e ouço a insegurança em sua voz.

— Eu não as noto. — Esta é a verdade. Eles estão lá? Sim, claro. Mas ainda me lembro do dia em que ele abriu os olhos no hospital, e tudo que eu vi foi ele. Seus olhos azuis me tiraram o fôlego. — São apenas uma parte da nossa história.

— Vamos estar neste caminho juntos agora, você e eu. — Ele diz, subindo por meu corpo como uma pantera, tomando minha boca na sua. Posso provar-me nele, saborear o prazer que ele deu a meu corpo.

Sinto seu pênis contra mim, e me mexo, sabendo que não poderia levá-lo agora mesmo que não queira nada mais. Quero ficar presa nele por dias, para compensar o tempo perdido.

Se afastando ele trilha beijos ao longo do meu pescoço, tirando meu fôlego.

— Abe, querido, preciso de um banho. — Digo, mas parte disso sai como um gemido, e o sinto sorrir contra o meu pescoço.

Uma batida soa na porta.

— Savage, precisamos conversar. — Lucias diz através da porta.

— Vamos ter que procurar uma casa. — Ele rosna, arrastando-se da cama. Provavelmente está certo. Tenho meu apartamento, mas há definitivamente não há espaço para Savage nele, e eu não gosto da ideia de criar nosso filho dentro de um MC. E Abe poderia não caber na minha cama.

Rolando de lado, o vejo colocar um jeans, e depois cavar através de uma gaveta antes que jogar uma camisa para mim. Pulo da cama e passo por ele antes que possa me agarrar.

— Porta. — Digo, lembrando-o que Lucias está do outro lado.

Ele solta um grunhido, observando-me recuar para o banheiro.

— Jesus, este quarto cheira a sexo. — Ouço Lucias dizer, me fazendo corar mesmo que sei que ele não pode me ver.

— Então não respira porra. — Abe responde, parecendo agitado.

Lucias solta uma gargalhada.

— Ela ainda está aqui?

Não ouço a resposta de Abe, então deve ter dito o que precisava com apenas um olhar.

— Vai me deixar entrar ou quer ir para o escritório?

Por alguma razão, espero que ele deixe Lucias entrar. Quero ouvir o que vão dizer. Deveria ligar o chuveiro e dar-lhes privacidade, mas se ele entrar Abe sabe que vou ouvir.

— Sim, homem, entre.

Apoiando-me contra a porta, espero para ouvir o que Lucias tem a dizer. Nunca tivemos um problema antes, mas ele é o único que me disse para deixar Abe sozinho, que só estava piorando as coisas. Será que ele vai me expulsar? Parte de mim quer atacar qualquer um que tentar nos separar, mas outra parte quer ouvir o que Abe tem que a dizer.

— Os Five Aces estão furiosos que estava em um de seus bares noite passada. Não só isso, mas também disseram que bateu no seu Prez.

— Eu o avisei. Disse que estava mexendo com a minha propriedade. — Abe rosna. Ontem à noite, quando Burnout sugeriu que eu pertencia a ele, me irritou e aterrorizou, mas quando Abe diz tenho uma sensação de calor e meu coração palpita.

— Você casou com ela? Porra. Apesar de saber da noite em Las Vegas, não tinha ideia. Você nunca disse que casaram.

— Fiz mais do que isso. Aparentemente, a engravidei naquela noite também. Foda-se, Prez, ela está criando nosso filho sozinha, e eu passei os últimos anos da minha vida batendo a merda de pessoas. Estava meio desejando estar morto, e ela estava lá criando nosso filho enquanto trabalhava na porra de um clube de strip! — Ele quase grita a última parte, as suas palavras cheias de pesar.

— Pare com essa merda agora. Você me escutou? Isso não é tudo culpa sua, Savage. Ela apareceu aqui algumas vezes, e disse-lhe para sair. Deus, fui tão estúpido.

— Eu disse que não queria vê-la. Lembro-me muito, embora estivesse me afogando numa garrada a maior parte do tempo.

— Ela tentou muitas vezes, mas a última vez que apareceu e descobriu, você se perdeu. Inferno, pensei que estava morto, de tanto que bebei. Então, da próxima vez que veio e pediu para te ver, a afastei. Eu não queria que ela aparecesse mais. Você não estava melhorando, e pensei que se a visse de novo, você não sobreviveria. Então, depois de um tempo, você ficou melhor. Colocá-lo no ringue fez mais bem do que eu poderia esperar. Ainda parece lutar contra isso, mas não acordava mais gritando. Pensei em dizer quando ela veio da última vez, e como a afastei, mas estava com medo do que isso faria com você. Todo o progresso seria perdido. Era melhor deixá-lo sozinho.

— Sinto que se soubesse talvez...

— Para. — Lucias diz, interrompendo-o. — Você tem vivido no passado por muito tempo. Neste momento, pode optar por sair dele e ter um futuro com ela.

Meus olhos começaram a lacrimejar com as palavras de Lucias. Ele não poderia estar mais certo. Podemos brigar para ver quem errou mais ou podemos superar tudo e seguir em frente.

Coloco a camisa e abro a porta do banheiro, fazendo com que os dois homens me olhem. Corro para Abe, e ele me pega no ar quando me enrosco nele.

— Nós precisamos, Abe. Temos de deixar tudo ir. — Ele me prende firmemente quando sussurro em seu ouvido.

— Ele se foi, baby. Posso deixar nada ir se ficar comigo.

— Para sempre.

Vejo Lucias sorrindo para nós.

— Ei, Julie. É bom ver você de novo, e ainda melhor ver sua bunda.

É então lembro que não usava nada debaixo da camisa, que deve ter levantado comigo no colo de Abe. Imediatamente ele me solta, mas agarra-me em seu colo quando senta na cama.

— Presidente ou não, olhe para sua bunda novamente e teremos problemas.

Lucias suspira, ignorando a ameaça de Abe, e se inclina contra a parede.

— E isso nos traz de volta aos Five Aces dizendo que ela é deles.

Os braços de Abe apertam em mim com as palavras.

— Estamos realmente tendo essa conversa? — Ele pergunta, dando um beijo no meu pescoço.

— Normalmente eu não faria, mas eles me ofereceram um negócio tão fácil que pensei que gostaria de ouvir.

— Qual?

— Aparentemente, Burnout tem uma queda e quer lutar por ela na próxima semana. Querem fazer um evento inteiro.

— O quê? — Grito, tentando me soltar de Abe a levantar-se, mas ele me segura firmemente, e posso sentir seu corpo tremendo com o riso. Lucias ri também. Como pode pensar que isso é engraçado? O que é isso, Idade Média? Eles querem lutar por mim? — Por que está rindo disso?

— Porque é ridículo, é por isso. Esse merda não poderia ganhar de Savage nem se ele estivesse algemado. Ele pensar que poderia é divertido.

— Porque? — Abe pergunta ficando sério.

— Eles ainda têm raiva por Casper depois que atirou no VP, então talvez planeje algo. Só precisamos ter certeza que será agradável e limpo, e revistar todos. Nada de armas ou facas.

— Parece bom para mim. Boa sorte para impedir Casper de se armar.

— Sim, Vincent vai falar com ela. — Lucias diz, com um sorriso. — Vou deixar vocês agora. Ah, e Julie, é bom tê-la de volta.

— É ótimo estar de volta.

— Você lhe deu o resumo de como este lugar funciona. As coisas são um pouco diferentes do que eram. — Diz ele, caminhando até a porta.

— Para ser honesto, não sei quanto tempo vou ficar. — Abe diz, fazendo-nos virar para o olhar, mas seus olhos estão apenas em mim. — Tenho uma família agora. Eles sempre vêm em primeiro lugar.

— Abe, não. — Digo, não querendo que ele deixe o clube. São seus irmãos. Eles têm sido antes de haver um “nós”. Eles podem não ter sido um MC, mas eram uma equipe. Antes usavam fardas, agora usam coletes.

Começo a protestar, mas Lucias me para.

— Todos somos uma família, Savage. Ela é sua, o que faz dela um dos nossos. Não tem que escolher. Somos uma grande família. Nunca faríamos isso. — Lucias leva um segundo para olhá-lo nos

olhos, e Abe assente. Lucias continua. — Além disso, não se preocupe com ninguém atrás de Julie ou sua família. Vincent tem uma boa chantagem à moda antiga para usar contra os Aces. Nunca pensei que diria que é bom ter um federal.

— Mas a luta ainda está de pé? — Abe pergunta.

— Foda-se, sim. Essa luta vai ser séria. Outros MC's vem assistir.

— Parece bom. Agora dê o fora. Preciso dar banho na minha old lady.

Meu nariz se enruga com as palavras.

— O que? Não é minha lady?

— É apenas soa tão... velho.

Ouçõ Lucias fechar a porta, deixando-nos sozinhos. Abe solta uma gargalhada que abala todo seu corpo, balançando o meu, por sua vez. É um som que pretendo ouvir muitas vezes.

— Vamos lá. — Diz ele, me pegando e levando para o banheiro. — Vou te limpar, e então vamos conhecer meu filho.

— Soa perfeito.

Capítulo Vinte e Três

SAVAGE

Nunca estive tão nervoso em toda minha vida. Perguntei a Julie sobre nosso filho na noite passada, querendo saber tudo. Toda vez que perguntei algo específico, ela apenas me disse para esperar. Estava me deixando louco, mas disse que vê-lo iria responder tudo. Sinto que tenho este espaço no coração esperando para ser preenchido por ele. Ir para a casa de seus pais é estressante, mas faria qualquer coisa por ela e nosso filho.

Os pais de Julie nos recebem, embora não estão felizes. Ela me fez prometer não contar a eles sobre o trabalho no clube de strip.

Eles pensam que estava trabalhando num bar qualquer, servindo bebidas no fim de semana para bancar as despesas. Eu deveria tê-la ajudado. Sinto que é minha culpa que deve que trabalhar lá para começar.

Sei que meu relacionamento com seus pais vai demorar um tempo para melhorar. Eles viram o que fiz, e foram os únicos a apoiando, mas vou trabalhar duro para corrigir isso. Vou dar a nosso filho uma família completa, algo que nunca tive.

— Vou ver se ele já acordou. — Julie diz, deixando-me com seus pais na cozinha.

Olho para eles, sabendo que merecem um pedido de desculpas.

— Gostaria de ter as palavras certas para explicar, mas não tenho. Desculpe por deixar Julie da maneira que fiz e não estar aqui quando necessário. Obrigado por cuidar dela e do meu filho, e se houver algo que eu possa fazer para retribuir isso, eu farei.

Seu pai olha para mim com os olhos castanhos escuros, assim como Julie, e acena com a cabeça.

— Pode começar estando em suas vidas novamente, e ser o marido e pai que merecem.

— Você está certo. Vou passar o resto da minha vida estando com ambos.

— Aqui está ele. — Julie diz atrás de mim, e me viro para vê-la segurando um garoto enorme.

— Oh meu Deus, ele tem só dois anos? Ele é enorme. — Olho para ele, incrédulo e maravilhado, com um sorriso no rosto. — Ele é tão bonito. — Sinto instantaneamente lágrimas nos olhos. Posso ver meu cabelo desganhado escuro e os grandes olhos castanhos de Julie.

Ele me olha tão surpreso como eu.

— Este é AJ. Abraham Júnior.

— Julie. — Sussurro, engasgando. Jesus, ela deu nome ao nosso filho, mesmo depois que fui um merda. — Hey, AJ. — Digo com um nó na garganta. Posso sentir as lágrimas deslizando pelo meu rosto, mas não quero que ele pense que estou triste.

AJ estende a pequena mão gordinha e toca minha bochecha onde as lágrimas escorrem.

— Papa, não chora.

Olho para Julie em choque completo.

— Será que ele só...

— Não papa, não pode. — Ele tem um olhar severo no rosto como se ele estivesse me dizendo para aguentar, e choro mais. Meu coração está explodindo com tantas emoções.

Com um suspiro pesado, AJ estende os braços para mim, indicando que devo segurá-lo. Olho para Julie e ela está chorando também, mas balança a cabeça e dizendo que está tudo bem. Abro os braços, e ele praticamente salta para eles.

— Papa precisa de um abraço. — Diz ele, me apertando forte.

— Como? — É a única coisa que posso dizer quando olho para Julie querendo saber como ele me conhece.

Ela traz um grande urso de vestido como um fuzileiro naval, e aponta para a minha foto nos braços do urso.

— Eu disse que seu pai era um fuzileiro naval e estava defendendo nosso país. Disse a ele como é corajoso, o quanto o amava e um dia voltaria para casa.

Fecho meus olhos e aperto meu filho. Perdi muito tempo com ele, e isso acaba hoje. Nunca vai perder mais nada.

AJ começa a se mexer, e o solto um pouco para que possa se inclinar para trás e me olhar.

— Eu quero lanche.

Eu rio, vendo quão perfeito e bonito ele é, e beijo sua bochecha.

— Eu te amo, AJ.

— Amo você, Papa. Pão?

— Sim, amigo, vamos fazer um lanche.

Quando estou na cozinha, cortando-se um sanduíche para meu rapaz, olho para Julie e sorrio. É incrível como posso ficar aqui com o coração explodindo de amor, e continuar a respirar. É demais, e não mereço isso, mas vou passar o resto da minha vida o merecendo.

Capítulo Vinte e

Quatro

SAVAGE

— Todos limpos? — Olho Prez, já pronto.

— Sim, fizemos uma matança fora da luta, vendemos mais quando souberam que seria sua última.

Foi fácil fazer a escolha de ser minha última luta. Não passaria meus fins de semana lutando se poderia ficar com minha old lady e nosso filho. Tinha tempo para recuperar, e não ia desperdiçá-lo fazendo essa merda. Nem sequer pelo dinheiro. Guardei todo o dinheiro de quando estava na Marinha, para não mencionar o que

ganhei lutando. Entre Scribe investindo e meu pagamento por ser o VP, não precisava me preocupar.

— Vamos fazer isso. — Digo, deixando cair a fita que enrolei nas mãos.

É a primeira vez que Julie me vê lutar, e tenho que admitir que estou nervoso. Nunca perdi antes, e ninguém jamais conseguiu me acertar, por isso seria realmente uma vergonha começar agora.

— Está pronta para me ver chutar alguns traseiros, baixinha?

— Contanto que seja o único a chutar, com certeza. Não acho que posso assistir se começar a apanhar.

— Acho que nunca vai acontecer.

A abraço e seguro sua bunda. Esfrego seu corpo curvilíneo contra o meu, e tento o meu melhor para não ficar duro. Lutar com uma ereção não é divertido. Dou-lhe um beijo, e em seguida, a coloco de volta no chão. Suas bochechas queimam, e ela ainda tem as mãos no meu peito. Sorrio, sabendo o que esse olhar significa.

— Baby, assim que acabar, vou cuidar de você.

Ela olha ao redor da sala lotada, e vê as pessoas em todos tipos de posições excêntricas se divertindo e ficando selvagem. Não tinha

certeza sobre a trazê-la aqui, mas parece gostar de assistir a todos os casais se tocando. Minha menina é safada.

— Não posso impedir, Abe. Ver todas essas pessoas me excita. Deve ser a adrenalina dos combates. Jesus, é como uma grande orgia.

— Não vou te comer na frente de todos, baixinha, pode tirar isso da cabeça. Ninguém verá o que é meu. Você já está reivindicada, então não preciso torná-lo conhecido. — Toco as dog tags em volta de seu pescoço, mostrando o que quero dizer. Ela está usando um top decotado, então estão aninhadas entre seus seios, e vê-las lá me excita. — Usou essa camisa para me provocar, não é?

— Não, usei uma saia sem calcinha para provocá-lo. O top é um bônus.

— Não está usando calcinha? — Foda-se. Meu pau nunca vai descer.

Ela dá um sorriso malicioso, e balanço minha cabeça quando noto seu jogo. Ela está tentando me excitar para fode-la ali.

— Não vai rolar, Julie.

Ela faz beicinho, e possivelmente a coisa mais adorável que já vi. Deus, preciso estar dentro dela.

— Após a luta, você é minha.

— Sou sempre sua, Abe. Mas é melhor fazê-lo rápido. Estou necessitada.

Dou-lhe um beijo rápido e viro para o ringue.

Burnout está lá, não tão arrogante como quando eu o vi pela primeira vez. Talvez seja porque Casper retirou as juntas de metal de suas mãos. Ri muito quando ela me contou.

Ando junto com Burnout para o centro do ringue e tocamos as mãos. Quando chegou aqui o ouvi falando todo tipo de merda. Agora que o seu pequeno truque foi descoberto, parece ter emudecido.

Só quero acabar isso. Uma vez que terminar, Julie e eu teremos paz que. Esta é a última coisa que preciso resolver.

Este é a regra dos subterrâneos, por isso não há revanche. Depois que alguém toca um sino, dou um gancho de direita e o vejo cair no chão. A multidão fica louca.

Viro-me e saio do ringue, sem me preocupar em verificar se ele se levantou. Ele não vai. Volto para Julie, e ela fica ali com os olhos arregalados e uma expressão de descrença no rosto.

— É isso?

— Sim, disse que estava com tesão. Prefiro te foder do que lutar.

Ela me dá um olhar safado e me puxa mais perto. Faz-me sentar em uma das cadeiras enquanto remove a fita de minhas mãos.

— Porra, não poderia durar uns minutos pelo menos? — Ouço Casper resmungar ao lado, mas simplesmente a ignoro, meus olhos ainda em Julie. Sei que alguns queriam me ver brincar com ele um pouco, mas por que se Julie está me esperando?

— Julie. — Advirto, mas ela apenas sorri para mim e volta a tirar a fita de minhas mãos. Estou sem camisa e usando shorts soltos, então minha ereção está se tornando obscena. Eu não dou a mínima embora. Tenho a minha menina na minha frente, sem calcinha, e é tudo o que posso pensar.

Quando ela termina uma mão e se move para a outra, senta no meu colo, espalhando as pernas. Uso a mão livre para desenhar uma linha até o interior de sua coxa, sob sua saia, e tocar sua buceta.

— Porra, realmente não está usando.

— Nenhuma.

A toco um pouco mais, e posso sentir a umidade a revestindo. Jesus, ela está encharcada.

— Está excitada por ver todo esse sexo ou por me ver lutar?

— Ambos. — Ela diz, e posso ver a necessidade em seus olhos. Ela é sempre exigente quando se trata de seu prazer, e agora posso ver isso. Ela está no limite, e aposto que ele não iria me levar uma dúzia de golpes e, seu clitóris para fazê-la gozar.

— Baixinha, não vou te deixar gozar na frente de todos. Isso é para mim. Mas se quer me montar um pouco, você pode. Mas não vai gozar.

— Eu poderia te chupar.

— Jesus. Não diga essa merda para mim. Vou gozar nos malditos calções. Não, não quero que as pessoas te vejam de joelhos também. Pode me montar, e ficar um pouco coberta. Quer isso ou vai esperar sairmos daqui?

— Eu quero agora. — Ela sussurra, e vejo quão ruim quer isso. Ela sempre foi aberta e desinibida com seu corpo, mas vê-la assim é novidade. Estou pensando em dar o que ela quer para o resto de sua vida, e se quer novas experiências, estou nisso também.

— Ok, baby. Vamos dar um pequeno passeio?

Ela dá um sorriso diabólico e rodeia minha cintura, os dedos dos pés mal tocando o chão. Puxo o cóis do meu short para baixo tirando meu pau latejante. Há grandes gotas pré-semem na extremidade, e vejo Julie lambendo os lábios, querendo um gosto. Esfregar meu polegar sobre a ponta, e o levo a seus lábios. Ela o chupa, fechando os olhos e gemendo por causa do gosto.

— Porra, isso vai ser rápido.

Ela abre os olhos e ri, pega meu pau o colocando em sua entrada. De repente, ela desliza todo o caminho para baixo, e jogo a cabeça para trás gemendo com a sensação. Ela é incrivelmente apertada e quente. Seu mel já está encharcando minhas bolas e ela ainda nem se moveu.

Agarro seus quadris e a fazendo se levantar. Vou controlar seus movimentos, mas vai ser um inferno não gozar dentro dela neste exato momento.

— Deus, olhe essa bunda.

Vejo Casper olhando para Julie, observando seu movimento. Ela se inclina para trás em uma das cadeiras, com Vincent entre as coxas.

— Realmente não estou em pintos, Savage, mas a sua menina tem um bunda que eu mataria para ter. — Ela termina com um grunhido quando Vincent, aparentemente, faz alguma coisa para chamar sua atenção. — Fácil, tira, não vou a lugar nenhum, apenas apreciando o show.

Vejo Julie vermelha pela atenção e o orgasmo se aproximando. A mexo para cima e para baixo. Ela geme e mói contra mim, e nossa conexão faz sons de sucção.

— Gosta disso, não é, Julie? Minha menina safada. Apenas lembre-se, você é minha e vou deixar todo mundo aqui saber disso.

Lucias está encostado no ringue, nos observando e tomando um gole de sua cerveja. Ele se abaixa e esfrega o pinto duro, então levanta a cerveja para mim em saudação. Dou-lhe um sorriso arrogante e voltar a foder a minha mulher.

Julie se inclina para frente, beijando meu pescoço e lambendo o suor do meu peito.

— Foda-se, é isso, baby.

Com isso, me levanto ainda enterrado dentro dela, a levando para o fundo da caverna. Uma vez que estamos sozinhos, ando até a parede e a prendo nela, fodendo forte.

— Você é minha.

— Sua, Abe. Apenas sua.

Sinto-a apertar e acariciou seu clitóris quando ela goza. A sentir tão apertada me faz gozar. Empurro dentro dela uma última vez, e dou o que ela está pedindo.

— Quando eu sair e minha porra escorre por suas pernas, passando pela saia, e as pessoas verem, não vai se limpar. Quero que todos vejam. Quero te marcar para o mundo todo saber. Entendeu baixinha?

— Sim, Abe.

Ela sorri e segura meu rosto, inclinando-se para me beijar.

— Deus, eu te amo, Julie.

— Eu também baby. Eu também.

Capítulo Vinte e

Cinco

JULIE

Corro os dedos pelo cabelo de Abe vendo nosso filho correr pelo campo. Abe move a cabeça do meu colo para minha coxa, silenciosamente me pedindo para dar atenção a ele. Sorrio um pouco, pensando que ele é como o gato querendo carinho.

— Realmente não teve mais pesadelos. — Digo, pensando em como tudo está perfeito. Moramos no meu minúsculo apartamento, e Abe comprou uma cama nova. Quando viu a minha, pela primeira vez, imediatamente disse que nunca poderia caber, e não iria dormir

sem mim novamente. Eu só o beijei concordando. Não queria dormir sem ele novamente também.

— Não dormi assim desde... — Ele faz uma pausa, tentando pensar. — Não me lembro de uma vez que dormi bem. Talvez nunca tenha.

— Aquele pesadelo que teve não foi mau de todo.

Sentando, ele me puxa para seu colo, envolvendo seu corpo em mim.

— Sua voz parecia me acalmar. — Ele sussurra em meu ouvido.

Não posso deixar de sorrir com a ideia de que eu sou sua cura.

— Também acho que ajuda que sonho com vocês agora. Os sonhos da guerra estão longe.

O vento sopra, balançando os girassóis no campo. Vejo AJ jogar futebol entre eles. O MC tem tanta terra que quase poderia se perder. Acres e acres.

— É tão calmo aqui.

— Não te trouxe apenas para um piquenique, baixinha. Queria mostrar onde vamos construir nossa casa. Estou pensando em seis quartos.

— Seis quartos! Quem vai limpar tudo isso? — Eu grito, girando em seu colo.

— Bem, queremos que as crianças tenham seus próprios quartos, não é? — Diz ele com naturalidade, como se tivesse tudo planejado.

— Não vou ter mais cinco filhos. — Digo, certificando-me de ser clara. Sendo um bebê enorme, AJ, não foi fácil de carregar.

— Eu sei disso. — Ele olha para mim como se eu fosse louca por pensar que íamos ter cinco filhos. — Vamos ter quatro. O espaço extra será seu escritório de contabilidade.

— Três e é só. — Negociar com ele nunca é fácil, então estou tentando me defender.

— Quatro e eu vou fazer bacon todos os dias no café da manhã.
— Ele sorri como se segurando o bilhete de bacon dourado.

— Vou pensar.

— Devemos começar agora. — Ele resmunga, virando-nos para estar montado em mim.

— Abe, AJ está logo ali. — Sinalizo com a cabeça nosso filho, chutando a bola ao redor.

— Além disso... — Faço uma pausa até que ele me olha. Quero ver a cara dele.

—Já fizemos o número dois.

Com minhas palavras, seus olhos se iluminam, e, em seguida, eles começam a se encher de lágrimas. Ele se inclina para baixo, enterrando o rosto no meu pescoço, e envolve meus braços em torno dele, apenas sentindo o amor entre nós.

— Estou tão feliz, baixinha. — Ele murmura contra meu pescoço.

Ele perdeu muito de AJ, e sei que não pode esperar para experimentar todas as partes de ser pai. Ele me quer reclamando dos pés inchados, desejos malucos, fraldas sujas e noites sem dormir.

Quando ama alguém, as lutas dele são suas, e a dor dele é a sua mágoa. Nunca quis que ele carregasse isso sozinho, mas ele precisava, para nos fortalecer. Nós dois passamos por tanta coisa, e embora não achássemos possível, nosso conto de fadas virou

realidade. Ele não foi de acordo com o plano, e nem como pensávamos, mas aqui estamos juntos e tendo nosso felizes para sempre.

Ele se inclina, e me beija, sorrindo contra meus lábios. Isto é definitivamente melhor que bacon.

